O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 2 DE MARÇO DE 1889

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:773

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Hontem como hoje.—A conversão.—Carta do Porto.—Gazetilha.—Noticiario.—O sr. Serpa e a divida antiga do estado.—Emygdio Navarro.—Ultima ratio.—Correios e telegraphos.—Carta de Lisboa.—Perguntas e respostas.—Novas de longe.—Secção litteraria: A vingança de Joãosinho, *por A. Campos*.—Parte official.—Correio de Lisboa.

AVEIRO

HONTEM COMO HOJE

Um contemporaneo illustre começou ha dias a sua prelenda quotodiana nos seguintes termos:

«A politica está precisando de que lhe lancem por cima jorros de agua fria, para limpeza e para tratamento».

E tinha razão o jornalista, ao applicar aquelle meio therapeutico, principalmente á imprensa e ao parlamento. Desde que entramos na politica nunca vimos maior abjecção, nunca deparamos com processos mais ignobeis, nunca a baixeza de instinctos se manifestou com tamanha insania, nunca a deslealdade, a insidia e a incontinencia se houveram mais desbragadamente na discussão de assumptos, que exigiam pelo menos correcção de fraze e limpeza de consciencia.

Será isto devido á epidemia, que parece alastrar-se por toda a Europa, e que já na America vae produzindo os seus funestos effeitos? Será um mal passageiro, sem consequencias apreciaveis, e que apenas deixam vestigios lodacentos da sua passagem? Porque as paixões em ebulição trazem á superficie as fezes precipitadas no remanso ou na tregua dos partidos. Porque a vaza que sóbe á tona d'agua, e que fluctua e deriva pelas margens, deixa uma esteira oleosa, que suja ao simples contacto. Porque é bom que todos se convençam, que nas retaliações politicas os que aplaudem são os proprios que fazem depois a critica severa e não desculpam demasias, com quanto muitas vezes sejam estimulo, espicaçando os supostos brios de escriptores ignaros, ou de libellistas stipendiados. Isto oque prova é a ruindade de educação. Andam confundidas as noções do jornalismo, entendem alguns que a calumnia é o *chic* dos evangelistas da palavra escripta, e como é sempre facil dizer mal dos outros, e desculpar os erros proprios, lá vão proseguindo na ingrata tarefa que se impozeram, em desproveito da instituição que annullam, e do povo, a quem derrancam o paladar.

E por isso é frequente o dizer-se—tão bons são uns como outros. O faia joga a faca de ponta e mola, a policia prende-o, e os tribunaes condenam-no na prisão e nas custas. Para o faquista da imprensa, para o truculento calumniador de encruzilhada, que fere pelas costas o adversario, qual o castigo que lhe comina o poder judicial? O auctor do libello não tem coragem para sustentar a accusação que dirigiu ao adversario, e declina a responsabilidade do que escreveu pelo seu proprio punho sobre um terceiro, que mal sabe rabiscar o seu nome. Este tem dois ou tres domicilios para nunca ser citado. Se o magistrado perante quem se instaurou o processo não defere á declinatoria, vem os expedientes dilatorios, recorrendo-se do despacho da primeira instancia para a relação do districto, e do accordam que lhe denegar provimento interpõe ainda recurso para o supremo tribunal!

Estes são os expedientes, quando a accusação é clara, e não se presta a subterfugios ou a distincções casuistas. E como não ha quem legalmente responda pela infamia, não ha tambem motivo para duellos, porque ha uma classe de individuos sem imputação, e tanto que escrevendo o libello diffamatorio, vão depois renegal-o, para que lh'o não imputem.

Ha d'estes infusorios na nossa imprensa politica, e d'aqui o seu descredito, e o chamarem-lhe balas de papel que não beliscam a hombridade de ninguem. Os tiros d'estes bandidos da penna recochetam e o projectil vae ferir a mão que o disparou. Mas apesar d'isso não deixamos de reconhecer que o facto em si é já um simptoma, que revela a decomposição moral de uma parte da nossa sociedade.

Fallou-se em tempo na conveniencia de criar um tribunal, onde fossem dirimidas as questões denominadas de honra. Entendeu-se que era de alta conveniencia aquella entidade para pôr um dique ao desvairamento dos que deviam ser fortes, visto dizerem-se mentores ou dirigentes da opinião publica. Fallou-se n'isto em 1867, quando um desaguisado parlamentar teve por desfecho a morte em duello do infeliz José Julio, o que causou geral consternação. Não sabemos as razões que obstaram á execução de um plano que nos parecia acertado. Talvez fosse por isso mesmo que abortou. Se o recommendassem motivos de menor ponderação, talvez o desenlace fosse outro. Assim mantem-se o mesmo estado de cousas de ha 22 annos, com quanto agravadas pela incontinencia e pela má orientação dos partidos.

Pois é tempo de pôr ponto final á chronica da maledicencia, ou seja por meio da hydrotherapia como lembra o *Dia*, ou por outro qualquer processo que dê o mesmo resultado.

A CONVERSÃO

E' do *Economista* o seguinte artigo:

Segundo as ultimas noticias, os resultados geraes da operação financeira com que o sr. Marianno de Carvalho fechou os seus laboriosissimos trabalhos, como ministro da fazenda, para restaurar o credito publico do seu paiz, trabalhos que tiveram o exito mais brilhante, foram os seguintes:

	Numero de obrigações Convertidas	subscriptas
França, Belgica, Inglaterra e Hollanda	119:390	338:585
Allemanha	120:240	258:379
Portugal	15:000	54:955
Somma	254:638	651:918
Titulos offerecidos	420:000	
—Convertidos	254:630	
Titulos disponiveis	165:370	
Excesso do disponivel sobre o pedido — Obrigações	486:548	

Vê-se pois que as disponibilidades offereceram cerca de quatro vezes o capital nominal pedido.

Ora o numero de obrigações de 5 por cento que havia na circulação, era de 340:944—logo apenas 86:314 deixaram de pedir essa conversão.

Hoje as folhas da serpia tentavam abocanhar a excellente gerencia financeira do sr. Marianno de Carvalho, concediam-lhe apenas **como favor** o ter aberto concurso para a collocação dos bonds do thesouro! Já é! E no entanto a esse financeiro illustre se deve a baixa do preço do dinheiro em Portugal, não só para o thesouro, como para os particulares.

Quem diria, ha tres e meio annos, no tempo em que o sr. Serpa buscava defender o **folheto de Antuerpia**, no *Jornal do Commercio*, quasi dizendo que esse folheto era perfeitamente innocente do immerecido desastre nas cotações dos nossos fundos, que a pouco trecho, uma vontade energica e uma intelligencia privilegiada havia de fazer com que os inimigos do thesouro de Portugal baqueassem e que o ministerio da fazenda podesse obter dinheiro a menos de *quatro por cento!*

Pois isso fez Marianno de Carvalho.

Mas não melhorou os nossos orçamentos, diz o antigo redactor do *Jornal do Commercio*, o negociador do *contracto de Langlois*, o critico feroz da ultima administração Fontes, e hoje *pseudo chefe* do partido (?) regenerador!! Não melhorou?

As contas publicas, e nós não temos contas senão a datar de junho de 1884, em que se fizeram, *a serio*, as primeiras contas de gerencia e de exercicio, retrotrahindo-se estas até ao de 1887-1888 inclusivé, que até então *ninguem tinha apurado*; essas contas julgadas já pelo tribunal de contas mostram quanto aos orçamentos ordinarios:

Gerencia de 1884-1885:	
Receitas	31:231 contos
Despezas	33:961 »
Deficit	2:730 »
Gerencia de 1887-1888:	
Receitas	38:104
Despezas	38:781
Deficit	687 »
Para menos do *deficit*	2:043 »

E nas despezas ordinarias estão incluidas verbas que ou figuravam nas despezas extraordinarias, ou eram da competencia das corporações administrativas e que passaram para o thesouro central, em virtude das reformas de 1886, que acabaram com as faculdades *illimitadas* de que os districtos, os municipios e as parochias gosavam e abusavam de tributar a torto e a direito, collocando o contribuinte de todo o paiz nas maiores difficuldades.

Pois o *deficit* ordinario da gerencia de 1887-1888 é muito menor do que a importancia de todos os antigos encargos transferidos para esse orçamento. E não fez nada o sr. Marianno de Carvalho! Mostrem outro que mais tenha feito e com mais vantagem para o paiz! Mais!—a quarta parte do que elle conseguiu realisar, sem pedir nem um real á propriedade, e antes estabelecendo protecção efficaz á maior parte das industrias do paiz, e acabando com o imposto do sal, com o de exportação, com varios impostos de consumo em Lisboa, diminuindo taxas das contribuições pessoal e sumptuaria, e fazendo com que o nome portuguez em todas as principaes praças seja tratado com o respeito que merece um povo que sempre, e á custa dos maiores sacrificios, honrou todos os seus compromissos.

A administração do sr. Marianno de Carvalho foi **só isto e tudo isto.**

CARTA DO PORTO

2 DE MARÇO DE 1889.

Uma caridosa senhora, cujo nome por todos os modos se pretende occultar, acaba de espalhar beneficios valiosos sobre alguns dos estabelecimentos de beneficencia e caridade que o Porto possue, suffragando assim, por uma fórma altamente abençoada, as almas de seu pae e de seu irmão. Tem distribuido já 790$000 reis, pela fórma seguinte: Seminario dos Meninos Desamparados 90$000 reis, Estabelecimento do Barão de Nova Cintra 90$000 reis, Recolhimento das Meninas Desamparadas 90$000 reis, Officina de S. José 90$000 reis, Hospital de Creanças Maria Pia 90$000 reis, Recolhimento do Bom Pastor 90$000 reis, Asylo de Villar 50$000 reis, Hospital da Ordem de S. Francisco 200$000 reis. Total 790$000 reis. Parece que serão contemplados mais um ou dois estabelecimentos. E' tanta a caridade da illustre bemfeitora dos pobres que, segundo me consta, é possivel que venha a repetir mais tarde a generosa peregrinação que tem realisado pelos estabelecimentos de beneficencia.

— Reuniu ante-hontem em Villa do Conde a commissão encarregada do vistoriar o convento de Santa Clara da mesma villa a fim de propôr o orçamento das obras indispensaveis para transformar aquelle bello edificio em hospital de alienados. A's 11 horas da manhã os tres membros da commissão, srs. Antonio Ferreira de Araujo e Silva, dr. Antonio Maria de Senna e dr. Graça, acompanhados do rev. capellão do convento, déram entrada no edificio, sendo recebidos á porta pela abbadessa e mais senhoras que habitam aquella casa religiosa. Depois de minucioso exame, a commissão resolveu reunir novamente n'esta cidade para elaborar o relatorio e expôr o que julgar conveniente fazer-se no sentido desejado.

— Falleceu aqui, repentinamente, o sr. Francisco Amatucci, gravador-lythographo. Succumbiu a um ataque cerebral. O fallecido era um artista primoroso, e deixa muitos trabalhos de uma correcção admiravel. Foi director da lythographia da companhia nacional de tabacos. Era ainda bastante novo, havendo, por isso, muito a esperar da sua fecundidade e gosto artistico. A sua morte deixa um vacuo difficil de prehencher, e constitue uma grande perda para a arte.

— Falleceu tambem o sr. Emilio Alberto da Rocha Andrade, tabellião de notas.

— A variola continua a fazer estragos nas cadeias da Relação. Os atacados são, por prevenção, tirados d'ali.

Z.

GAZETILHA

Amigo velho Nogeira,
E's politico pimpão;
Cyrineu da frandulagem,
Fazes jogo rufião!

Alegre querias em terra,
O governo progressista;
Supunha-te agradecido,
E saiste-me borguista.

Arranchaste contra as *manas*,
Auxiliando as eleições;
Fazes côro na botica,
E com os patos dos balcões.

Tu não vês como esta terra
Tem medrado em beneficios?
Estradas, ruas, canaes,
Empregos e edificios?

Pois quem mais que os progressistas
Tem tratado da cidade?
Intrujar dizendo contra,
E' mau sestro e falsidade.

A' tôta do orçamento
Té lograste pôr o Manes;
Mas olha, velho, cuidado,
Na festança não te enganes;

Porque emfim nem tudo é rosas,
Póde o gado ser mosqueiro;
Ficaste de queixo á banda
Por causa do tal *Janeiro*.

A situação não cain,
Ninguem vae p'ra o logar d'ella;
Se exultas, és faccioso,
E Germano Pimpinella.

Quem havia d'el-rei chamar
A não ser o progressista?
Porto-fran..., Barjona, Serpa...
São gallos que não tem crista.

Dir-te-hia: «E' o—Zé Dias—»
Se ouvisses tio major,
Que em quanto o astro não sóbe,
Diz-se regenerador!

Assim, meu velho Nogeira,
Salta o mica tu de porta,
Quer vonham azes ou quinas,
Não passas da cepa torta.

Deixa a festa aos pretendentes,
Aos que celebram arranjos,
Que se abotoam discretos,
Sugando como marmanjos.

P'ra o gago, que não embaraça,
Isto não é indifferente;
Em casa chucha no dedo...
Sem papa não vive a gente.

Para o do sello, o petinga,
Do Fanéca mór herdeiro,
Que pretende ser visconde,
A' custa do seu dinheiro;

Tu bem sabes, que o heroe,
Tendo *comido* um Pardal,
Não apanha o viscondado,
E uiva como um chacal.

Andas de orelha espetada,
Com uns modos refilões,
Porque ouves as pachouchadas
Do Gambeta dos balcões!

Era elle bom presidente
Sendo chamado ao governo,
Indo o gago p'ra a marinha,
E para a justiça o Inverno.

Estrangeiros o Zé Costa,
De Vallado grão senhor;
Na fazenda o das *Más Horas*,
Na guerra... tio major.

P'ra a pasta das obras pu...
Ia de certo o Romão,
Se não désse estenderete
Nas cartas da commissão.

E no reino? oh! quem havia,
D'essa pasta sobraçar?
O porco sujo do Cojo,
Já de giba, a casquinar?

Ou então o dos repolhos,
Riso alvar, compridos pés?
O que rescende a pivetes,
Jubilado em tagatés?

O das pipas, que é facundo, (1)
(Olha que tretas não armo:)?
Castel-Branco, o Sancho Pansa
Do D. Quichote do Carmo?

E' caso de escolha á sorte,
Não fique alguem descontente;
Não dê a gafa ao rebanho,
Haja gaudio! *isto é que é gente!*

Já vês, meu velho Nogeira,
Que andaste muito apressado,
Quando deitaste foguetes
Julgando tudo acabado.

Vê se consolas petinga,
Gago, major e *Más Horas*,
Cojo, pipas e Vallade,
A todos dá os emboras.

Diz-lhes:—«Tenham paciencia,
Aquella nova foi peta;
E já que a Granja triunfa,
Rilha na fava, Gambeta.

«Cousa de tanto espavento,
Nem o Moura acreditou;
Só Besugo (2) deslumbrado
As luminarias botou.»

Meu amigo de Peniche
Põe as patranhas de mólho,
E' mais facil ralhar d'outros,
Que ver a tranca no olho.

(1) Allusão á rethorica piteireira, em que o citado auctor, já depois do repasto, foi para uma reunião do theatro discursar, confundindo os verbos—digerir e dirigir. O zóte não tinha ainda digerido, e por isso embicou com a fraze, dando-a por authentica n'um caso em que assentava melhor o contrario.

(2) Antigo cognome do heroe das melenas e do cazacão, quando pimpoava no Alboi.

NOTICIARIO

Chegada.—Chegaram quarta-feira a esta cidade, partindo na quinta de tarde para Carregosa o sr. Bispo Conde, e srs. dr. Sinibaldo, Emygdio d'Azevedo, e revd.º padre Adelino. S. ex.ª vae passar o entrudo á sua casa de Carregosa.

Estada.—Esteve ha dias em Albergaria o nosso muito presado amigo o sr. Barão do Cruzeiro, um caracter respeitavel, um perfeito homem de bem. S. ex.ª foi ali vizitar seu venerando pae o sr. Manuel Luiz Ferreira, que n'este ultimo tempo tem soffrido mais dos seus incommodos chronicos.

Velhos e verdadeiros amigos do honrado ancião, fazemos sinceros votos pela prolongação da sua existencia, e pelo seu prompto restabelecimento.

Notas da carteira.—Esteve na quinta-feira em Aveiro o illustre e sollicito presidente da camara municipal de Albergaria, o sr. Bernardino Maximo d'Araujo e Albuquerque.

— Na quarta-feira vieram a Aveiro os srs. José Augusto de Sousa Ribeiro, dignissimo escrivão e tabellião da comarca de Estarreja, e Antonio Augusto Bandeira, muito digno contador e distribuidor da mesma comarca.

— Já regressou a Aveiro o nosso sympathico amigo e intelligente terceiranista de direito, sr. José Cunha.

— Tem havido algumas *soirées* em casas particulares, commemorativas do carnaval. Hontem a que houve em casa da ex.ma sr.ª D. Amelia Rebocho (Santo Antonio) foi de uma animação entre nós pouco vulgar. Reuniu s. ex.ª algumas das familias das suas relações, dançando-se até ás 2 da manhã.

Transferencia.—Consta-nos que vão ser mutuamente transferidos, a seu pedido, os srs. dr. Antonio Augusto do Amaral Pereira, subdelegado do procurador régio na comarca de Aveiro, e dr. José Eugenio da Costa e Almeida, subdelegado na comarca de Penella.

Principios e consequencias.—Concluimos uma noticia do nosso ultimo n.º, nos seguintes termos: «Excellente preceptor que tem a classe estudiosa d'Aveiro! Um bom modêlo para gente moça.»

Ora a semente está já produzindo os seus fructos. O pilriteiro deu pilritos. Era de esperar. Ahi vão os factos:

Ha dias mascararam-se duas raparigas, pedindo para isso emprestadas capas e batinas a estudantes das suas relações. E como se sabe geralmente que a mascara é inviolavel uma vez que não contenda com os transeuntes, iam ellas de umas para outras casas de pessoas conhecidas, sem se lembrarem que de baixo dos pés se levantam os trabalhos.

Ao passarem n'uma rua, um grupo de quatro estudantes do lyceu, atravessou-se-lhes no caminho, a fim de as reconhecer. Ellas esquivaram-se, o que os fez enfurecer, lançando-se ás cachopas, arrancando-lhes as mascaras, rasgando-lhes as capas, e querendo mesmo levar mais longe a demonstração. Felizmente que as cousas não passaram a mais, e dizemos isto no interesse dos auctores do delicto, que foi logo denunciado pelas queixosas ao poder judicial, onde já se instaurou o competente processo.

Já se deixa ver, que um professor, que vive de calumniar o proximo, e que é um discolo no meio da sociedade que o tolera, só póde produzir discipulos d'aquelle quilate. Se o exemplo é contagioso!... Se se não póde esperar morigeração de costumes dos que forem educados na escola de depravação, que ahi funcciona livremente!...

Os rapazes teem menos culpa que o mestre, mas por isso mesmo vão ser castigados. O mestre, que é calumniador confesso, que diz mal de tudo, e para quem não ha nem homem honrado nem mulher honesta, para elle a impunidade, porque não é claro, porque o veneno que distilla de envolta com a baba immunda, inocula-o com cautella, de modo a não entalar o rabo, não dando azo a fundamentar o processo correccional, para evitar o castigo devido ás suas patifarias. E' cauto o mascate, mas nós havemos de arrancar-lhe a pelle para que não prosiga nas proezas infames que já de ha muito são distinctivo do seu caracter.

Fóra com o porco sujo. Façam-lhe montaria como a lobo cerval, limpando-o das impurezas que o trazem já derreado sob o pezo do remorso filho das calumnias que tem espectorado, em consequencia das invejas mesquinhas que o ralam e que um dia hão de dar cabo d'elle.

Theatro Aveirense.—Como dissémos, a brilhante companhia que Cyriaco de Cardoso nos trouxe aqui, cantou na terça-feira a *Carmen*, na quarta o *Fra-Diavolo*, e na quinta o *Val d'Andorra*. Casas sempre cheias, applausos sempre enthusiasticos, tudo isto é deveras extraordinario em Aveiro, tão extraordinario que apenas succedeu uma vez, na inauguração do theatro, com a companhia de D. Maria II, e a do Principe Real pouco tempo depois.

Aveiro, poupada, modesta por costume, abriu mais largamente d'esta vez os escaninhos do seu mealheiro, e foi toda ao theatro, depois de quatro recitas que quasi lhe levaram 700:000 reis, não poupando agora, portanto, outros sete centos pelo menos. Verdadeiramente extraordinario, mas de facilima explicação, pois que Cyriaco é hoje emprezario da primeira companhia de opera-comica do paiz, e o primeiro compositor portuguez no genero especial a que dedicou todos os vastos recursos do seu talento.

Em todas as noites, ao subir á cadeira da regencia, foi Cyriaco saudado pelas platéias com as mais expressivas manifestações, com as mais estrondosas salvas de palmas, a que delicadamente correspondia com agradecimentos delicados e sinceros.

Quando, ao seu primeiro signal, a orchestra rompia n'aquellas melodiosissimas simphonias d'abertura, na sala não se ouvia o flanar subtil d'uma mosca, ou sequer a serena inspiração dos mil plumões que alli respiravam.

Como no templo, a mesma religiosa attenção, a mesma severa serenidade.

Depois, ao terminar, as ondulações marulhosas d'aquelle oceano de povo pareciam erguer-se em toda a pujança da sua magestosa altura, recordando, n'um barulho estrepitoso de palmas e de bravos, o fremente despedaçar das vagas de encontro aos cachopos da penedia.

Foi na ultima noite que mais vehementemente se fizeram essas bem justas e bem louvaveis manifestações.

Cyriaco de Cardoso, pela sua intelligencia, pela sua delicadeza, pela sua grande vontade de agradar, tudo mereceu e nada foi de mais. As corôas, os bouquets, as flôres soltas, como as pombas, etc., pareciam voar ao palco de todos os angulos da sala.

No fim do 1.º acto o nosso amigo, sr. José Mourão, foi ao palco entregar-lhe uma enorme corôa de flôres artificiaes, lindissima, em cujo magestoso laço de fita azul e branca, de gorgorão de seda, se lia a seguinte inscrição em letras douradas:

A Cyriaco de Cardoso, os seus amigos e admiradores—Aveiro 28-2-89.

Esta bonita corôa que, collocada no palco, n'um arbusto da montanha, ahi esteve em exposição durante todo o espectaculo, foi a toda a pressa mandada fazer no Porto, custando 31$500.

No final do ultimo acto, veio tudo ao proscenio, companhia, orchestra, coristas, tudo, chegando-se quasi a delirio quando José Mourão e Abreu e Mello, repetidas vezes chamados, appareceram tambem. Estes dois nossos amigos, briosos e bellos rapazes que em Aveiro teem muitas sympathias, foram os promotores dos espectaculos, isto é, devemos á sua rasgada iniciativa as tres magnificas noites que acabamos de passar.

Por completa falta de espaço deixámos de fazer no passado numero a devida apreciação da primeira peça, a *Carmen*, e do desempenho. A mesmissima razão nos força hoje a resumir a apreciação das tres que, cada uma em separado, nos tomaria todo o logar de que podemos dispor.

Assim, pois, diremos apenas:

Carmen, *Fra-Diavolo* e *Val-d'Andorra* são tres peças de primeira ordem, a 1.ª uma ligeira opera de superiores qualidades, a 2.ª uma opera-comica interessantissima, a 3.ª uma explendida zarzuella do magnificos effeitos. Eis a nossa opinião sobre cada uma. Todas, porém, agradaram o mais possivel, pois qualquer d'ellas é uma belleza, principalmente a musica, que é um primor da arte e cujo desempenho, musical e dramatico, foi excellente.

Em todas ellas o desempenho, repetimos, foi correctissimo, sobresaindo Dias, uma das mais notaveis glorias da scena portugueza; Gomes, que de ha muito conhecemos como artista de superiores recursos; Rihuet, que é sem duvida o primeiro tenor que Aveiro tem visto; Correia, um barytono de grande merecimento, e que, depois de Maximino Fernandez, é tambem o primeiro que aqui tem vindo; Carolina Mendez, cuja voz agrada e cuja dicção é correctissima; Aurelia, que em voz é a primeira mulher da companhia; Amelia Garrayo, que a gente escuta com geral sympathia; Elvira, cuja voz é agradabilissima; Eduardo, que foi sempre muito bem, etc.

Na *Carmen* foram Carolina Mendez, Rihuet e Corrêa os tres personagens mais distinctos, porque os restantes, embora artistas de merito, estavam deslocados nos papeis que lhes foram distribuidos. No *Fra-Diavolo* Aurelia brilhou sobre todos, como Gomes, Dias, Rihuet, Corrêa e Eduardo. No *Val d'Andorra*, Dias, que estava no seu elemento, foi por assim dizer o heroe da noite, inimitavel em graça, espirituosissimo, sendo em tudo digno dos aplausos de que foram alvo Rihuet, Aurelia, Corrêa e Gomes. De resto todos, em qualquer das noites, interpretaram bem os seus papeis, agradando como poucas vezes succede em Aveiro.

Dizem-nos que Cyriaco tenciona voltar aqui em breve, com novas peças. Oxalá que assim seja, pois que as brilhantes manifestações com que aqui foi recebida a sua troupe deviam ser-lhe tão gratas que a isso o forcem.

Para talentos da força de Cyriaco de Cardoso, Aveiro terá como dever encher o seu theatro.

Actor Dias.—O nosso amigo, sr. Francisco Elias dos Santos Gamellas, acreditado negociante da nossa praça, deu em honra d'este glorioso membro da arte dramatica nacional dois magnificos jantares na quarta e quinta-feira ultimas, para que tivemos o prazer de ser convidados e a que assistimos com alguns dos mais intimos amigos do sr. Gamellas.

Todas as vezes que este distinctissimo actor vem a Aveiro, sempre o sr. Francisco Elias, um dos maiores admiradores d'aquelle sympathico vulto do theatro portuguez, nos penhora com amaveis convites para qualquer manifestação em honra d'aquelle tambem nosso amigo.

Pelas amabilidades, pois, com que sempre sômos distinguidos por este nosso correligionario, digno filho d'um dos mais honrados mortos da nossa terra, faltariamos a um grande dever se por esta fórma lh'o não agradecessemos.

Ao 2.º assistiu tambem Cyriaco de Cardoso que, como Dias havia já feito no 1.º, entre muitos outros, levantou um brinde á imprensa d'Aveiro, á parte séria d'esta nobilissima instituição, alli representada pelo *Parlamento* e por este jornal.

Ainda entre outros, foram brindados o sr. Gamellas, a memoria veneranda de seu honrado pae, o sr. conselheiro Manuel Firmino, dr. Barbosa de Magalhães, etc., em nome de quem, pela segunda vez agradecemos aos que, com tão alevantadas palavras de respeito e consideração se lhe dirigiram.

Direitos de mercê.—Pelo ministerio da fazenda foram authorisados a pagar em 48 prestações os direitos de mercê respectivos nos seus encartes, os srs. José Maria Duarte, guarda-livros do Azylo-Escola Districtal, e Lourenço da Silva Salgueiro, director da secção Barbosa de Magagalhães do mesmo Azylo.

Subsidios.—A illustrada camara municipal do concelho de Estarreja votou no seu orçamento ordinario para o corrente anno o subsidio de 50$000 reis para o Azylo-Escola Districtal de menores expostos desvalidos e abandonados. Quasi todas as juntas de parochia, irmandades e confrarias do districto incluiram tambem nos seus orçamentos verbas de subsidio para aquella benemerita instituição.

E' justo.—Pela commissão permanente do professorado primario de Braga foi dirigido um convite a todos os professores do circulo para se reunirem, em sessão, no dia 10 do corrente, com o fim de adherirem á representação que o professorado do Porto dirige ao governo, pedindo-lhe a revogação ou modificação d'alguns artigos da lei de 9 d'agosto e seu regulamento.

Procede bem o professorado de Braga e quem o dirige. O que se acha estabelecido é mau. Os professores ficam agora recebendo com muito mais atrazo. O ultimo regulamento creou-lhes uma posição impossivel. Se algumas camaras não pagavam pontualmente, queixassem-se d'essas e não envolvessem todas na censura geral. Motivo ha para dizer-lhes, que fizeram mal em *apertar tanto com o fiado*. Agora ahi teem as consequencias. Hão de receber com atrazo, quando até agora recebiam em dia. Referimos-nos aos professores d'este concelho, que a camara actual achou com um atrazo de tres mezes, havendo, para pagar-lhes, um imposto especial. A camara extinguiu esse imposto e pol-os a receber em dia. Não *estavam* bem. Agora estão *melhor*. E' que é sempre mau lançar perolas a..... E' que não é o mel para a bocca dos.....

Ha porém no caso presente e na classe excepções que queremos e sabemos respeitar.

Corrego de Paus.—Baixaram do ministerio das obras publicas á direcção d'esta 2.ª circumscripção hydraulica, ordens para se proceder com toda a urgencia á obra do Corrego de Paus, cuja demora conduz inevitavelmente á miseria os povos das freguezias d'Alquerubim e S. João de Loure, no concelho de Albergaria.

No Gremio.—E' amanhã a *soirée* extraordinaria, para o que se andam engalanando festivamente os salões e a escada. Promette ser explendida a reunião.

Domingo gordo.—Estamos em pleno Carnaval, e veremos se ámanhã e nos dias seguintes apparece alguma mascarada de geito, além da *cégada*, que sahe ámanhã. De tantos projectos em que se fallava, tudo ficou em agua de bacalhau. E' sempre assim. Ainda no entanto se affirma, que na terça feira de tarde percorrerá as ruas uma linda mascarada allegorica da—*Jornada á Figueira!*

Jubileu das 40 horas.—Começa ámanhã, e segue na segunda e terça-feira no templo da Apresentação, a imponente solemnidade d'aquelle jubileu, feita a expensas da popular Irmandade do Senhor do Bemdicto, e que costuma ser realisada com toda a pompa, estando a egreja brilhantemente decorada. Os tres sermões estão confiados a distinctos e conhecidos oradores sagrados. A concorrencia de fieis, tanto da cidade, como dos logares visinhos, é sempre muito grande, apezar dos divertimentos carnavalescos.

Sociedade dos Banhos de Luso.—Está convocada a assembleia geral dos accionistas d'esta Sociedade a reunir-se no dia 10 do corrente, pelas 11 horas da manhã, na Mealhada e edificio da camara municipal, afim de lhe ser presente o relatorio e contas da gerencia de 1888; e em seguida proceder-se á eleição da nova direcção.

Andorinhas.—Já chegaram aqui estas innocentes e formosas mensageiras da primavera.

Mercado de sal.—E' ainda de 22$000 e 22$500 reis o preço, nas eiras, do antigo barco de sal ou a medida de 15:000 litros. Por wagon, posto na estação, o seu preço é de 20$000 reis e o wagon leva 10:000 a 11:000 litros.

Noticias de Vizeu.—

Em 27.—Chegou hoje a portaria, assignada pelo sr. Emygdio Navarro, mandando construir a avenida de Vizeu. Foram approvados os projectos elaborados pelo sr. engenheiro Figueiredo. O orçamento é de 105:000$000 réis, devendo gastar-se no actual anno economico 20:000$000 réis.

O *Districto de Vizeu* publicou um supplemento, em que o centro progressista declara que adia as festas pela chegada da portaria relativa á construcção da avenida, como manifestação de sentimento pela sahida do sr. conselheiro Emygdio Navarro do ministerio. Corre que vão ser pedidas modificações ao traçado da avenida, para não prejudicar varios expropriandos, o que é justissimo.

Liga agraria do Porto.—

Houve uma reunião de membros da Liga dos lavradores do norte, resolvendo-se fundar desde já a Liga agraria do districto do Porto, sendo approvados os estatutos e remettidos ao governo civil do districto, a fim de serem approvados. A direcção ficou assim constituida:

Presidente, D. Joaquim de Mello e Faro; vice-presidenta, visconde de Villarinho; 1.° secretario, Julio Girão; 2.° dito, Antonio Teixeira de Sousa; thesoureiro, Luiz Ayres de Gouveia. Directores, Antonio Augusto Alves Guimarães, Antonio Montenegro, conselheiro Columbano de Castro, Christiano Wanzeller, conselheiro Nogueira Soares, conde de Castello de Paiva, conde do Côvo, Diniz Santhiago, Delphim de Lima, Egydio Teixeira, João Jordão, Luiz Otto Burmester; substitutos: Alfredo Bacellar, Antonio Caetano de Oliveira, Ayres, Frederico de Castro Solla, Clemente Menezes, Diogo Leite, Gustavo Pinto Basto, José da Cunha Moniz, José de Vasconcellos, Luiz de Vasconcellos, Miguel de Sousa Guedes, Vasco Pinto Basto, visconde da Ermida.

Despachos de justiça

—Verificaram-se os seguintes:

Bacharel Egydio Herculano Malheiro Correia Brandão, exonerado, como requereu, do logar de juiz municipal do julgado de Villa Nova da Cerveira, na comarca de Valença.

Bacharel Antonio das Neves Ferreira, nomeado sub-delegado do procurador regio na comarca de Arganil.

Bacharel José Faria Theotonio, nomeado sub-delegado do procurador regio na comarca de Serpa.

Manuel José Rodrigues, escrivão e tabellião do juizo de direito da comarca de Santarem, transferido para identico officio na comarca de Extremoz.

Accacio José Daniel de Barros, escrivão e tabellião do juizo de direito da comarca de Extremoz, transferido para identico officio na comarca de Santarem.

José Joaquim Lourenço Coelho, nomeado escrivão e tabellião do juizo de direito da comarca de Pinhel, no impedimento de Antonio Maria de Carvalho.

José Joaquim Moreira da Silva Telles, exonerado do officio de tabellião de notas da comarca de Amarante.

Antonio Augusto Moreira Telles, nomeado tabellião de notas da comarca de Amarante.

Bacharel Antonio Pessoa de Amorim Navarro Morão, exonerado, como requereu, do logar de sub-delegado do procurador regio na comarca da Covilhã.

Bacharel Joaquim José Gomes, exonerado, como requereu, do logar de sub-delegado do procurador regio na comarca da Guarda.

Bacharel Alvaro Maria de Fornellos, nomeado sub-delegado do procurador regio na comarca de Oliveira de Azemeis.

Bacharel Joaquim de Sousa Martins, nomeado sub-delegado do procurador regio na segunda vara da comarca do Porto.

Bacharel Albano Pereira Pinto de Magalhães, nomeado sub-delegado do procurador regio na 3.ª vara da comarca do Porto.

Bacharel Joaquim Pargana Neves, nomeado conservador privativo do registo predial na comarca de Villa Nova de Portimão.

Bacharel José Antonio Lopes, nomeado para servir por tres annos o logar de juiz municipal do julgado de Coruche na comarca de Benavente.

Antonio Augusto Bandeira, nomeado para o officio de contador e distribuidor do juizo de direito da comarca de Estarreja, no impedimento de Thomaz Antonio Xavier Soares.

Miguel Carneiro Pizarro, nomeado para o officio do contador e distribuidor do juizo de direito da comarca da Villa da Praia da Victoria.

José Duarte, exonerado do officio de escrivão do juiz de paz do districto de Fanhões, na 4.ª vara da comarca de Lisboa, por haver sido nomeado escrivão da administração do concelho de Sobral de Monte Agraço.

Bacharel José Ramos Nogueira, juiz de direito da comarca do Fundão, licença por trinta dias.

Paulo de Oliveira Mattos, approvado para substituir o juiz de direito da comarca do Fundão durante o goso da licença n'esta data concedida.

Bacharel Antonio Moreira Barroso, juiz de direito da comarca de Beja, auctorisação para gosar dezoseis dias de licença anterior.

Bacharel Antonio de Saldanha Moncada, delegado do procurador regio na comarca de Benavente, licença por trinta dias.

Luiz de Almeida Mello, escrivão e tabellião do juizo de direito da comarca de Ceia, licença por sessenta dias.

O SR. SERPA E A DIVIDA ANTIGA DO ESTADO

E' ainda do *Economista* o seguinte artigo:

Emprazámos no domingo o director da *Gazeta de Portugal a pôr os pontos nos ii*, a fallar claro nas suas perfidas insinuações dos ultimos numeros e em especial nas que se continham no seu artigo principal de sabbado, 23 do corrente. Debalde esperámos explicações: o sr. Serpa calou-se. Aconteceu o mesmo que com o jornal dos subditos belgas Henry Burnay & C.ª, de que foi director o mesmo snr. Serpa; emprazado para dizer quaes os benesses e favores que o partido regenerador tinha dispensado ou feito ao sr. Carrilho, houve por bem não responder, mas em compensação novas e mais requintadas insolencias contra o nosso director. São assim todos. Mas o caso agora com o sr. Serpa não póde ficar sem correctivo.

No artigo de sabbado dizia o sr. Serpa na sua *Gazeta de Portugal*, entre outras cousas, o seguinte, furioso por se ter encontrado na legislação do paiz um pagamento feito por elle de dividas antigas do tabaco:

«E' no emtanto sabido que os ministros, em regra, não organisam elles proprios os orçamentos, nem redigem as propostas de lei de receita e despeza, nem até de ordinario os relatorios que precedem o orçamento, nem o relatorio annual dos actos do ministerio (que não é o relatorio financeiro que acompanha as suas propostas de lei), nem são tambem elles que organisam as contas do thesouro, embora examinem, ou não, mais ou menos detida ou perfunctoriamente, estes documentos, antes de os apresentar ás côrtes.

Não obstante, a sua responsabilidade constitucional é inteira e completa pelo que apparece n'estes documentos, até o ponto de poder ser responsabilidade criminal, nos casos de se provar abuso.

Mas, a par d'esta responsabilidade constitucional, ha uma responsabilidade de outra natureza, muito mais restricta, mas que póde ter consequencias desagradaveis para quem a toma. E' a responsabilidade moral dos ministros pela confiança que depositam nos empregados incumbidos de organisar e redigir estes documentos.

Dizem que esta responsabilidade moral póde ter consequencias desagradaveis para quem a toma, e vamos formular um exemplo d'isso, em these, e sem applicação a nenhum caso presente.

Supponhamos que um d'estes empregados, que teve a confiança do ministro para redigir os relatorios e as leis orçamentaes, e para formular as contas, viesse mais tarde accusar o ministro, ou suggerir a um amigo a accusação, por uma omissão no relatorio que elle proprio tinha feito, ou pela redacção obscura e confusa de um artigo que elle proprio tinha redigido, ou porque faltava alguma cousa nas contas que elle proprio tinha organisado.

E' claro que, se este facto se désse, o que aliás não é provavel, mas que é possivel, o ex-ministro não tinha naturalmente nada a soffrer pela sua responsabilidade constitucional, se o caso não era grave, mas soffria pela responsabilidade moral da confiança que tinha depositado.

.....

Crêmos que esta doutrina é verdadeira, e que ella se deveria applicar, se por acaso se verificasse o facto que figurámos de ser um ex-ministro accusado pelo que se disse ou se omittiu n'um relatorio do orçamento, ou pela redacção de um artigo da lei orçamental, ou por uma omissão nas contas do thesouro, se a accusação d'estes factos fosse, por acaso, feita ou suggerida por quem tinha redigido o relatorio e a lei orçamental ou feito as contas, em virtude da confiança e sob a responsabilidade do ministro que assignou estes documentos.»

Todos sabem que o sr. Serpa tem escripto ou consentido que se escrevam na *Gazeta de Portugal* as maiores injustiças, as mais violentas diatribes contra alguns funccionarios a proposito da ultima lei dos tabacos e da execução que se lhe deu pagando-se uma divida antiga, tambem de tabacos, reconhecida e julgada pelo Tribunal de Contas e pelo conselho d'estado.

O sr. Serpa e os seus acolytos e sequazes entenderam que essa applicação da lei foi illegal, porque no relatorio do respectivo projecto se não fazia, miuda e circumstanciada descripção de todos os pormenores, ainda os mais insignificantes da lei.

Percorrendo-se, porém, a legislação do paiz e os diarios das camaras verificou-se que na lei do orçamento de 1874-1875, se tinham dado circumstancias, perfeitamente identicas ás actuaes,—abonando-se em virtude de essa lei, a contractadores do tabaco a quantia de 53:747$196 reis.

A citação do facto, foi logo pelo sr. Serpa attribuida a denuncia do empregado que fizera o orçamento e a proposta de lei!!

Escusamos dizer quem era o empregado que o sr. Serpa visou. Esse funccionario está muito superior aos ataques da burnaysia e não dá direito a ninguem de lhe ensinar lições seja de que fôr, quanto mais de confidencia e de exacto cumprimento dos seus deveres. Tenha-o assim entendido o sr. Serpa. Mas se elle lhe não dá licença para isso, perguntamos nós comtudo em que houve inconfidencia na citação da lei do orçamento de 1874-1875?

Haverá inconfidencia de publicar *textualmente* os documentos officiaes, tirar d'elles as legitimas consequencias e apresental-as, não como o sr. Serpa faz agora em relação á lei de 1888, mas como actos correctos, legaes, livres de toda e qualquer suspeita?

Porque tanta ira, pois, contra a nossa allegação?

E no emtanto nós que fômos agora victimas de uma inconfidencia, *más victimas conscientes*, desprezamos o inconfidente e rimo-nos de quem aproveitou a inconfidencia. Já esperavamos a accusação da Burnaysia: contavamos com ella e quando procedemos *directamente a certas indagações* foi de proposito para apanharmos o rato na ratoeira. E o rato cahiu e nós deixámol-o sahir.

O sr. Serpa diz que o tal empregado de 1874 abusou da sua boa fé, como ministro. Abusou em quê?

Vamos dar a palavra ao nosso collega do *Diario Popular*, que hontem castigava, devidamente essa coarctada do sr. Serpa nos seguintes termos:

«Como dissémos, o sr. Serpa Pimentel procurou evadir-se ás suas responsabilidades, lançando á conta dos empregados do ministerio da fazenda a redacção obscura do paragrapho da lei de 1874 com o qual se auctorisou para dar 105 contos aos contractadores dos tabacos, a falta de inclusão da verba necessaria no orçamento do Estado para pagar o que lhes mandou dar e a carencia absoluta de explicações no relatorio ministerial da proposta de lei em que foi mettido aquelle paragrapho.

Já hontem fizémos sentir quanto aquella explicação é desgraçada na bocca ou na penna de um homem de Estado. Não repetiremos agora o que escrevemos.

Cumpre-nos apenas fazer sentir, além dos seus maus quilates moraes, quanto aquella desculpa é desastrada, porque não desculpa cousa nenhuma.

Comprehende-se com effeito que um ministro não leia com muita attenção as phrases usuaes de propostas de lei de mero expediente. A falta de attenção de modo nenhum attenua ou extingue a responsabilidade do ministro, nem póde elle nunca apresental-a como elemento de defeza.

Mas semelhante desculpa é totalmente inadmissivel ao tratar-se d'uma disposição nova, excepcional, importantissima, pela primeira vez introduzida na lei de meios. Ahi não póde admittir-se nem sequer suppôr-se a falta de attenção do ministro, tanto mais que nenhum empregado, ainda o mais mal intencionado, ousaria incluir uma disposição nova na lei sem para isso ter ordem expressa do ministro. E, sendo indispensavel tal ordem, não póde suppôr-se a falta de attenção, porque a propria ordem é prova de attenção.

Além d'isto, de si evidente, deve notar-se que a disposição citada da lei de 1874 não era presceptiva, mas apenas uma auctorisação de que o sr. Serpa Pimentel podia usar ou deixar de usar, conforme entendesse conveniente. Portanto, ainda admittindo a hypothese inverosimil do sr. Serpa Pimentel ter sido enganado por um empregado como elle pretende allegar, na mão tinha facil remedio. Era não usar da auctorisação, que no fim do anno economico caducaria, deixando inutil a deslealdade do empregado, que por isso mesmo mais inverosimil se torna. Mas que fez o sr. Serpa Pimentel? Agora desculpa-se com ter sido enganado na redacção da lei, mas, quando tinha na sua mão evitar o mal, usou da auctorisação, e abonou e pagou o que bem quiz! Ha nada mais triste que todo este papel desempenhado pelo illustre chefe da tribu dos diffamadores?»

Em que foi pois enganado o sr. Serpa? Previnam-se todos os funccionarios de um tal ministro, que attribue aos seus subordinados a responsabilidade do que elle pratica ou apresenta ao parlamento. O aviso é salutar.

Mas ha mais: o sr. Serpa até attribuiu ao empregado de que se trata a feitura das contas publicas em 1874!! Já é! Quem estava encarregado da coordenação dos orçamentos, n'esse anno só começou a ter responsabilidade pelas contas do estado e a fazel-as, e *a valer*, depois do 1.° de julho de 1884,—dez annos depois, *apenas*, do facto que tanto incommoda agora o sr. Serpa! E no emtanto nós declarâmos: que tomariamos a responsabilidade completa e absoluta da redacção da lei do orçamento de 1874-1875 e da sua applicação na parte relativa ao pagamento, por encontro, da divida de que se trata, e se o nosso director fosse n'esse anno deputado e membro da commissão da fazenda assignaria o respectivo projecto e relatorio, como o assignou o relator o sr. dr. Mamede, que *soube bem o que assignava* e que não attribuiria a ninguem qualquer responsabilidade que lhe proviesse do facto, fosse qual fosse a sua importancia.

Mas este caso que parece *insolito*, tratando-se em regra de um ministro, não é novo em relação ao sr. Serpa. Todos devem estar lembrados do famoso contrato Langlois, d'esse contrato em que o sr. Serpa buscou demonstrar que 39=40, e em que taes equações foram deduzidas, que o governo teve de pedir a sua demissão.

A proposito d'esse contrato o sr. Serpa disse que as conversas que tinha tido no seu gabinete de ministro com um dos concorrentes expulsos d'essa adjudicação, eram *conversas particulares!* No gabinete concordava em que o praso do concurso acabava no dia 27 de outubro de 1859—depois disse que foi por distracção que tal cousa admittira por que a contagem do prazo pertencia aos empregados da secretaria!!

Como agora. Mas então o caso era escuro, como mostraremos ámanhã: hoje trata-se de um caso correcto, posto que essa mesma correcção seja ferro em braza em cima das maledicencias do critico feroz da ultima administração regeneradora.

EMYGDIO NAVARRO

O illustre correspondente do *Commercio Portuguez* dá a seguinte nota, aliás resumida e ainda deficiente, dos importantes trabalhos do sr. Emygdio Navarro como ministro das obras publicas.

Organisou os serviços techniços do ministerio das obras publicas.

Organisou a secretaria de estado das obras publicas, commercio e industria.

Organisou o serviço externo dos correios telegraphos e pharoes.

Desenvolveu a viação ordinaria, adoptando o systema de empreitadas geraes e parciaes, o que trouxe uma grande economia para o thesouro pelos importantes abatimentos obtidos em praça, resultando d'este systema uma grande vantagem publica porque mais rapidamente estará concluida a rede de estradas, e deu por esta forma trabalho a milhares de operarios, sendo muito difficil hoje encontrar braços.

Deu um grande impulso á viação accelerada, porque concedeu auctorisação para o estabelecimento de muitos caminhos de ferro de tracção a vapor em leito proprio.

Mandou fazer muitos estudos de caminhos de ferro, que estão concluidos e cuja execução depende da approvação do parlamento.

Melhorou e garantiu a posição do pessoal technico do ministerio das obras publicas.

Foi este um pujante trabalho que só a sua poderosa energia poderia levar a cabo.

Todos sabem que homens do valor de Saraiva de Carvalho, Hintze Ribeiro, Fontes e outros, não tiveram forças para fazer vingar reformas analogas que emprehenderam e chegaram até a publicar, sem nunca poderem executar-se.

Estabeleceu as circumscripções hydraulicas, o que é d'uma altissima vantagem para o paiz, pois que tem por fim regular o regimen dos rios, pontes e docas, etc.

Auctorisou a construcção das docas em Ponta Delgada, Fayal, Angra do Heroismo e Funchal.

Mandou estudar as redes de estradas da Madeira onde não havia senão carreiros por onde era quasi impossivel transitar.

Mandou estudar a rede de estradas nos Açores.

Mandou completar o estudo da rede de estradas em todo o continente.

Mandou fazer os estudos que estão concluidos, da rede ferro viaria ao norte do Mondego.

Mandou estudar a linha urbana do Porto, e ordenou a sua construcção por conta do estado, assim como uma estação central.

Concedeu a linha ferrea urbana de Lisboa.

Concedeu o ramal de Cascaes.

Auctorisou a estação central no Rocio.

Auctorisou o tunel que parte da Avenida da Liberdade, sem dispendio para o estado.

Conseguiu que a direcção do caminho de ferro do norte e leste cobrisse o canal d'Alcantara, sem que o estado dispendesse um real.

Concedeu o ramal de Santa Apolonia a Bemfica com via dupla.

Mandou fazer os estudos do caminho de ferro de Vendas Novas a Santarem.

Fez a concessão d'esta linha a uma companhia.

Mandou fazer os estudos do ramal de Coimbra a Arganil.

Fez a concessão d'essa linha, cuja construcção já começou.

Mandou fazer os estudos do caminho de ferro de Estremoz a Villa Velha de Rodam.

Fez o regulamento para a fiscalisação da construcção dos caminhos de ferro portuguezes.

Mandou estudar uma variante no caminho de ferro da Beira Alta, proximo da Covilhã, e de modo que a linha se aproxime mais d'este importante centro fabril, o que lhe mereceu os louvores dos habitantes da cidade.

Concedeu o caminho de ferro de Vendas Novas a Alcanena.

Concedeu a construcção de um caminho de ferro em todo o littoral do Algarve.

Deu um poderoso impulso á construcção do caminho de ferro do Algarve, a ponto de no dia 20 do corrente percorrer uma locomotiva toda a linha de Lisboa a Faro.

Foi um importantissimo melhoramento para aquella provincia, que ha largos annos suspirava por elle.

Varios ministros tentaram levar a cabo este emprehendimento, mas não tiveram nunca energia para remover as difficuldades que lhes appareciam.

Auctorisou a construcção da ligação directa da linha do sul com a do Algarve em Beja.

Ordenou a inauguração das pontes internacionaes do Minho e Agueda.

Concluiu o caminho de ferro do Minho e Douro.

Concluiu o ramal da alfandega do Porto.

Creou a repartição dos caminhos de ferro.

Fez o regulamento das circumscripções hydraulicas.

Mandou fazer o prolongamento da avenida da ponte D. Luiz I, no Porto, até á estação central da mesma cidade.

Concluiu a linha ferrea de Mirandella, e ordenou a construcção da linha ferrea de Lisboa a Cintra, Torres Vedras e Figueira da Foz.

Determinou novas clausulas e condições geraes para empreitadas.

Publicou o regulamento para as arrematações d'obras publicas.

Ordenou a construcção d'uma nova ponte sobre o Tejo na linha ferrea de leste.

Ordenou o assentamento da dupla via na linha de leste entre Lisboa e o Entroncamento.

Todos sabem que o assentamento da dupla via é uma das obrigações da Companhia, mas até agora nenhum ministro teve energia para a obrigar a cumprir esta clausula do seu contrato.

Concluiu e inaugurou as pontes de Entre os Rios e Espozende.

Reformou o serviço dos correios, telegraphos e pharoes.

Publicou a lei organica, e as seguintes instrucções regulamentares de:

Contabilidade,

Concursos,

Cauções.

Modos de prover as vagas de aspirantes auxiliares, ajudantes e distribuidores.

Ordem porque devem ser chamados ao serviço os empregados supranumerarios.

Permutação de fundos.

Cobrança de recibos, letras e obrigações.

Recepção de assignaturas para publicações periodicas.

Correspondencias postaes, sellos e outras formas de franquia.

Creação de cartões postaes.

Transporte de malas e serviços de repartições ambulantes.

Encommendas postaes.

Fixou as attribuições dos encarregados de serviço e fieis das direcções telegrapho-postaes.

Contractou a permutação de encommendas postaes com a Grã-Bretanha.

Regulamentou o serviço das estações telegraphicas a cargo de corporações, administrações e particulares.

Determinou o regulamento o estabelecimento de linhas telegraphicas, pharoes, semaphoros, e ordens das estações.

Creou os cursos de auxilio para os empregados telegrapho-postaes.

Reformou o curso pratico dos correios e telegraphos para os aspirantes.

Determinou que este curso fosse regido nos institutos Industriaes de Lisboa e Porto.

Regulamentou os serviços telegraphicos e a organisação dos serviços nas estações;

O monopolio de transporte das correspondencias;

As substituições dos chefes das estações de 4.ª e 5.ª classe.

A admissão de aspirantes supranumerarios e sua promoção.

O processo de entrega do producto da emissão de valles nas ilhas dos Açores e Madeira.

O monopolio do estabelecimento, administração e exploração de linhas telegraphicas, telephonicas e outras, para a permutação rapida de correspondencias.

Determinou o estudo das postas ruraes em todo o reino e ilhas adjacentes, e mandou estabelecer este serviço nos districtos de Coimbra e Porto, e nos concelhos de Cascaes, Bragança, Villa Real, Caminha, Vianna do Castello, Guarda, Almeida, Santa Comba, S. Pedro do Sul, Oliveira de Frades, Sernancelhe, etc., etc.

Assignou o contracto para o estabelecimento do cabo telegraphico para os Açores.

Renovou o contracto com as companhias de telephones de Lisboa e Porto. E' um dos mais importantes melhoramentos no serviço d'uma especialidade de caracter technico, importantissimo para o futuro dos telephones em toda a parte.

Auctorisou o estabelecimento da rede telephonica em Cintra, o que é um melhoramento ha muito reclamado.

Mandou estudar o projecto para o estabelecimento d'uma nova rede telegraphica do paiz, e que está concluido, não chegando a estabelecel-a por falta de tempo.

Determinou uma nova e perfeita installação da estação telegraphica principal de Lisboa, que desde o estabelecimento do telegrapho estava em estado rudimentar e nunca fôra devidamente estabelecida.

Creação d'uma escola electro-technica e respectivo laboratorio nos Institutos Industriaes e Commerciaes de Lisboa e Porto.

O laboratorio electro-technico de Lisboa é hoje um estabelecimento notavel pela multiplicidade de apparelhos e instrumentos que possue.

Comprou edificios para o estabelecimento das estações telegrapho-postaes em Bragança, Vianna do Castello, Vizeu, Leiria, Murça e Figueira da Foz.

Apropriou edificios publicos para o mesmo fim em Coimbra, Santarem, Porto, Aveiro, e outras terras.

Creou muitas estações telegraphicas e postaes.

Fez um contracto com a companhia de americanos de Lisboa e Porto para o transporte dos distribuidores e conducção de malas.

Augmentou o numero de distribuidores em Lisboa e Porto para que o serviço da distribuição seja mais rapido e regular.

Ordenou que em muitas terras do paiz a distribuição da correspondencia fosse feita pelos domicilios etc., etc.

Creou o conselho superior do commercio e industria.

Estabeleceu o museu industrial no edificio dos Jeronymos em Belem.

Reorganisou o ensino industrial e commercial assentando-o em largas bases, com orientação moderna e caracter essencialmente pratico.

Reformou os institutos industriaes e commerciaes, dotando-os com algumas novas cadeiras e laboratorios.

Creou as escolas industriaes das Caldas da Rainha, Ancantara (Lisboa) Bomfim (Porto), Braga e Coimbra.

Creou as escolas de desenho industrial da Figueira da Foz, Bragança, Leiria, Faro, Setubal, Peniche, Vianna do Castello, Villa Real, Mattosinhos e Funchal.

Estabeleceu o ensino manuel em quasi todas essas escolas.

Construiu o edificio para a escola industrial d'Alcantara que está a funccionar e mandou construir edificios especiaes para as escolas industriaes de Braga, Guimarães, Bomfim e Caldas da Rainha.

Mandou vir do estrangeiro professores e mestres de officio para as officinas que vão funccionar junto das escolas industriaes.

Além de tudo isto, mereceu-lhe uma especial attenção a agricultura do paiz que lhe deve serviços importantissimos. Vou enumerar alguns d'elles para que os agricultores conheçam o que devem ao homem que hoje abandonou a pasta das obras publicas onde deixou um rasto luminosissimo da sua curta passagem.

Organisou os serviços agricolas e phyloxericos.

Creou a direcção geral d'agricultura.

Creou duas candelarias, sendo uma em Santarem e outra em Coimbra.

Creou escolas praticas de agricultura e viticultura em Vizeu, Faro, Torres Vedras, Portalegre, Anadia, Castello de Paiva e Santarem.

Reorganisou a escola pratica central de agricultura e estabeleceu-a em Coimbra.

Iniciou os trabalhos mandando proceder a arborisação das serras do Gerez, Estrella e outras.

Deu grande incremento á sementeira do Pinhal em dunas em quasi todo o littoral do paiz, e reorganisou os serviços zootechnicos.

Organisou os serviços de sanidade pecuaria.

Reformou o ensino superior d'agricultura e veterinaria.

Reorganisou o serviço do hospital veterinario.

Organisou as estações chimico agricolas.

Organisou o serviço de inspecção das vaccarias.

Organisou os serviços pecuarios.

Regulamentou os serviços zootechnicos.

Determinou o levantamento da carta agricola do paiz.

Ordenou o inquerito agricola para d'ahi se poder concluir quaes as providencias de que a agricultura necessita.

Creou fructuarias em Santarem, Vizeu, e Castello de Paiva.

Mandou proceder a estudos para a creação do bicho da seda em Traz-os-Montes, com o fim de reanimar esta industria outr'ora tão florescente no norte do paiz.

Estabeleceu além dos já existentes, depositos de sulphureto de carbone em Coimbra, Chaves, Mirandella, Taboa, Torres Vedras, Mafra, Valle de S. Gião, Madeira, etc., etc.

Ampliou os actuaes viveiros de cepas americanas e creou outros novos.

Fez acquisição no estrangeiro de differentes reproductores das especies pecuarias mais apuradas.

Determinou a creação dos Stud-Cook e Herd-Cook.

Fez a exposição agricola e pecuaria.

Fez a exposição de vinhos em Berlim.

Creou o muzeu agricola que deve ser installado na Tapada da Ajuda, para o que se anda a proceder a reparos indispensaveis nos edificios.

Mandou vir do estrangeiro professores e praticos para as escolas agricolas.

Passou a fiscalisação dos caminhos de ferro assentes sobre leitos de estradas ordinarias para os directores das obras publicas dos respectivos districtos.

Mandou proceder a ensaios de creação de sirgo.

Determinou que as juntas promotoras de melhoramentos agricolas inquiram dos viticultores quaes as castas e quantidades de bacellos e barbados americanos que terão de requisitar no proximo anno agricola.

Fez o regulamento geral dos serviços de policia hygienica e sanitaria dos animaes.

Fez o regulamento do hospital veterinario de Lisboa.

Organisou a tabella dos preços das operações, exames e consultas no hospital veterinario de Lisboa.

Creou uma escola pratica elementar de agricultura nos suburbios de Santarem, estabelecendo junto á mesma escola uma fructuaria, e approvando os planos de organisação das ditas escolas.

Creou uma escola pratica sob a forma de fructuaria no concelho de Paiva, e approvando o plano de organisação da dita escola.

Creou uma escola fructuaria na 5.ª região agronomica, e approvou o plano de organisação da dita escola.

Creou em Braga e Coimbra escolas industriaes.

Addicionou ás disciplinas da escola industrial *Faria Guimarães* a de lingua franceza.

Creou uma escola de desenho industrial na cidade do Funchal e outra em Mattosinhos, concelho de Bouças.

ULTIMA RATIO

Verificou-se, em parte, o que nunca tinhamos previsto. Nunca! porque nos entregámos de boa fé e de consciencia tranquilla nas mãos de um cavalheiro, cuja reputação sem mancha foi sempre para nós uma garantia de segurança, e vemos que foram taes e tão grandes as difficuldades que assediaram o sr. Xavier de Carvalho, na commissão de Lisboa, taes e tão subversivas as imposições das circumstancias, que s. ex.ª se viu forçado a ceder ao imperio dos factos, deixando-nos n'uma posição mil vezes peor do que a anterior.

Não recriminamos o illustre chefe da Repartição Telegraphica do Porto. Longe de nós similhante intensão! Seriamos duplamente ingratos para com o sr. Xavier de Carvalho, e dariamos aos nossos collegas um profundo exemplo de dissolvencia moral. Que s. ex.ª empregou todos os esforços da sua boa vontade, todas as mais ardentes dedicações do seu espirito para nos salvar, para nos acudir no tremendo naufragio, que a commissão de Lisboa habilmente preparou aos aspirantes; que o sr. Xavier de Carvalho defendeu palmo a palmo os nossos interesses e era incapaz de atraiçoar o seu mandato, acreditamol-o, juramol-o nós com a mão na consciencia. Mas a verdade é que os factos se conjuraram contra nós n'uma campanha de sapa, nas trevas, na escuridão dos conciliabulos, e que essa conjuração nos venceu, vencendo comnosco o espirito intemerato do sr. Xavier de Carvalho. Mas a verdade é que, na lucta de ha muito travada entre as conveniencias pessoaes da alta burocracia e os legitimos interesses da collectividade dos aspirantes, fomos nós os derrotados em toda a linha, cahindo extenuados e escarnecidos no pó do campo de batalha.

E', porém, possivel que os vencidos se levantem ainda na pureza das suas intensões e na immaculada limpidez da sua consciencia de luctadores pacificos, e vão pedir aos que podem e aos que têm bem radicado no espirito o principio da justiça inquebrantavel, que annullem com a força do seu prestigio essa odiosa medida, que atira para sobre a pobreza honrada os sarcasmos irritantes do seu desdem, e lança para sobre uma classe inteira de trabalhadores e de martyres com a purpura dos grandes, dos favorecidos da fortuna.

A resolução tomada pela commissão de Lisboa, não é a expressão genuina e clara das aspirações da classe telegrapho-postal. Não é, nem póde ser, porque nós não pedimos a creação de mais logares de officiaes, nem desejamos que se agravem as condições da fazenda publica com o augmento de uma despeza inutil, escusada, e perdularia. Não! Não podemos permittir que em nome de uma classe pobre se abuse da boa vontade e da energia de um governo austero e moral, para beneficiar exclusivamente a alta gerarchia que não precisa, porque já tem o bastante para occorrer ás necessidades da existencia. Não podemos sancionar com o nosso voto, nem com o nosso silencio, essa aberração monstruosa de odio o principio da verdade e da justiça.

Não poude o sr. Xavier de Carvalho conseguir mais do que a sua modificação. Acreditamos na palavra honrada de s. ex.ª, como em nós proprios. O sr. Xavier de Carvalho cumpriu a sua missão, procurando obter em nosso favor o maximo favor. E a commissão de Lisboa, que se arvorou em Commissão Central, não sabemos bem com que direito, entendeu que nos tinha a todos nas mãos, e que os pobres aspirantes subscreveriam humilhados e reverentes ás decisões do magno concilio. Enganou-se redondamente. Nem subscrevemos, nem deixaremos passar sem protesto a insolita tentativa.

O nosso caminho está claramente traçado. Protesto respeitoso, e pedido directo a s. ex.ª o ministro, no sentido do augmento de vencimento. E se realmente as condições do thesouro são taes, que esse augmento seja absolutamente impossivel, temos ainda um recurso: continuar sacrificando o pão de nossos filhos á prosperidade do paiz, e esperar confiadamente na justiça da nossa causa e na sollicitude do governo, que nos ha de melhorar de situação, logo que o thesouro esteja em condições mais favoraveis.

Antes esperar, do que consentir que á nossa custa e em nome de uma falsa conveniencia, se locupletem aquelles que, na verdade, já têm o bastante, se não de mais. Antes esperar com resignação, com paciencia e com confiança. Ao menos temos o direito de pedir e de esperar. Vencendo o plano das combinações odiosas, até esse direito perderemos, porque pódem responder-nos, e com razão, que não ha de o governo estar todos os dias a fazer reformas nos Correios e Telegraphos.

Somos, portanto, de opinião, que nos unamos todos no mesmo pensamento, que se reelejam em todos os pontos do paiz as commissões de empregados, e que promovamos o maior numero possivel de representações, que devem ser entregues por uma commissão de aspirantes, chefes de 4.ª e 5.ª classe, distribuidores e guarda-fios ao nobre ministro das obras publicas, que ha de receber os delegados da pobreza com a nobre isempção do seu caracter, com a correcta distincção do seu espirito, e com a benevolencia do seu coração magnanimo. Ahi está a nossa opinião clara, franca, sincera.

Os que nos quizerem acompanhar, que nol-o digam sem demora, para se resolver por uma vez o que temos a fazer. Sanccionar os successos de Lisboa, não póde ser. Prestarmo-nos a instrumentos de interesses illegitimos e de conveniencia attentatorias dos nossos direitos, é um perigo para o nosso futuro. Deixar seguir em silencio a marcha triumphal dos eleitos da fortuna, é uma loucura, que ha de trazer para nós graves responsabilidades.

Está posto o dilemma: abdicar da nossa dignidade e das nossas aspirações, ou elevarmos o nosso pedido ao nosso primeiro chefe hierarchico, o sr. ministro das obras publicas, que, estamos certos, ha de prestar-nos todo o seu concurso, que é de todos o mais firme e o mais valioso.

Aguardamos a resolução dos nossos collegas. Ella servirá de norma ao nosso procedimento, e temos fé que todos saberão collocar-se ao lado de quem tudo sacrificará pelo bem-estar da corporação.

F. V.

CORREIOS E TELEGRAPHOS

Tendo recebido cartas de muitos collegas das provincias censurando-me pelo meu silencio depois da apresentação das propostas do sr. Xavier de Carvalho na commissão de 11 do corrente mez, cumpre-me declarar á corporação telegrapho-postal, que não faço parte da commissão dos melhoramentos da *classe?* que este anno se formou em Lisboa.

E desde o momento que funccionarios mais graduados, vêm procurar encorporarem-se ás classes mais inferiores, claro está que o seu unico fim, é servirem-se d'essas classes, para degraus. Se a licção que a corporação telegraphica levou em 1880 está já esquecida, é mister que ella se recorde para não cahir em 1889, na fatal emboscada.

Como principal iniciador dos melhoramentos da classe dos *aspirantes* em 1887 e 1888, devo responder aos collegas que me teem dirigido perguntas, que a minha fraquissima opinião é ainda a mesma: ou o augmento geral á classe dos aspirantes, ou nem um ceitil de augmento de vencimentos para ninguem.

Declaro mais que sou da opinião dos meus collegas, concordando com elles que, as propostas a que nos referimos são attentatorias e prejudiciaes á classe dos aspirantes na sua maioria, sendo a primeira classe a mais offendida e ferida nos seus sagrados direitos.

Acceito gostosamente o encarregar-me de distribuir a todos os srs. deputados as reclamações e protestos que a classe dos aspirantes

pretende fazer, contra as propostas do sr. Xavier de Carvalho. Podem os collegas em tempo opportuno enviar-m'as. Seja-me licito duas palavras ácerca das propostas em questão.

O augmento de despeza com a elevação e creação de 3.º officiaes, bem como o augmento de 100 primeiros aspirantes, e dos 100 auxiliares a segundos aspirantes, como pedem os interesses illicitos de alguns individuos, importaria em vinte e quatro contos de reis, melhoravam 245 empregados; ora, augmentando-se aos primeiros aspirantes 60$000 reis, aos segundos aspirantes e auxiliares 50$000 reis, teriamos mais dez contos, além dos vinte e quatro contos em que importavam as propostas do sr. Carvalho, mas contemplavam-se 664 empregados em logar de 245!

Além d'isso, muitos aspirantes estão occupando os seus logares, por exemplo, os encarregados de serviço de Lisboa, Porto, e dos districtos, chefes das estações do Calhariz e outras mais, estes teriam de sair dos seus logares, para darem entrada aos officiaes que iam desempenhar o mesmo serviço com tanta dignidade mas com dobrados proventos. Como é sabido, muitos d'aquelles aspirantes não podiam ser elevados a officiaes, por não terem a antiguidade precisa, nem concorrerem ao concurso; ficavam portanto perdendo uma grande parte dos seus vencimentos e deslocação. Parece-me que a corporação telegraphica não carece de maior numero de officiaes porque, antes da reforma de 1880 haviam 7 officiaes, sendo 2 primeiros e 5 segundos; o desempenho do serviço era tão perfeito, sendo primeiros e segundos telegraphistas chefes de secções telegraphicas, com 348$000 e 400$000 reis como hoje, sendo officiaes directores de districto com 590$000 e 690$000 reis; antes de 1880 o thesouro despendia com os 7 officiaes 3:860$000 reis; hoje temos 38 officiaes, que nos custam 24:020$000 reis annuaes; julgo que o paiz e mesmo o thesouro estão satisfeitos (isto é suposição minha).

Mas se as precarias circumstancias em que vivem os aspirantes telegrapho-postaes melhoram com a elevação d'alguns compadres, amigos e parentela, e com a elevação do sr. Lamas a primeiro official, então resignar-me-hei com a sorte de 664 aspirantes lesados com a approvação das propostas em questão.

Leopoldo Augusto Teixeira.

CARTA DE LISBOA

28 DE FEVEREIRO DE 1889.

O que se está passando na imprensa portugueza excede quanto podia esperar-se do que ha de mais baixo e de mais ignobil no folicularismo da mais atrazada, da mais feroz das nações. Para que ninguem escape á furia insana da libertinagem que peja os escriptorios de certos jornaes, basta ver o que se passa com o sr. José Joaquim de Castro — certamente um dos caracteres mais nobres d'este paiz. O cavalheiro a quem me refiro teve a infelicidade de desagradar a um militar que escreve no *Correio da Manhã*— no jornal que a todos macula e que a nenhum adversario poupa, e não ha numero em que aquelle herodes do jornalismo não ataque o ministro da guerra. Mas a agressão é tão baixa e tão disparatada, que não faz mais que provocar o despreso publico. O *Diario Popular*, conhecendo a injustiça da agressão escreve o seguinte:

«Pelo *Correio da Noite* de hontem soubemos que o *Correio da Manhã*, n'um dos seus ultimos numeros aggredira com phrase violenta o sr. ministro da guerra a proposito de actos da sua administração. Não temos á mão o jornal em que o sr. ministro da guerra é aggredido, mas como sabemos dos factos incriminados e temos completo conhecimento do levantado caracter e dos eminentes dotes de espirito e de coração do sr. conselheiro José Joaquim de Castro, não nos faz demasiada falta o libello, em que o facciosismo da politica de envolta com a injustiça mais flagrante architectaram uma revoltante monstruosidade de que o proprio auctor, em horas de serenidade, se terá de certo arrependido.

O sr. conselheiro José Joaquim de Castro, de quem quasi todos os officiaes do exercito foram discipulos e em cada um dos quaes raro será que não tenha um amigo, gosa, pela intoireza do seu caracter, pela bondade do seu coração, pelo zelo e proficiencia com que se desempenhou sempre dos seus cargos, do respeito e da estima de quantos o conhecem. E' mais do que revoltante, é repugnante monstruosidade procurar deprimir as suas qualidades distinctas, amesquinhar os seus serviços ao exercito e ao paiz, pretender malsinal-o na opinião militar, sem inquirir dos factos e sem curar de indagar com escrupulo de como procedeu n'esses factos o sr. ministro da guerra, que com enorme sacrificio da sua saude e das suas commodidades se prestou pela sua acrisolada dedicação ao seu partido e ao seu paiz a gerir a pasta da guerra.

E' deploravel que ao cabo de uma longa e honrada vida publica, cercado de sincero respeito e sincera estima de tantas gerações que passaram pelos bancos das escolas de que elle foi professor e disvelado amigo, e hoje honram o quadro do exercito acompanhado sempre da gratidão de tantos a quem tem dispensado a sua amisade e o seu valimento, é deploravel, dizemos, que um desvairado qualquer, sem fundamento, sem verdade, sem motivo, venha desbragadamente deprimir um dos caracteres mais nobres e impollutos do exercito e que mais serviços lhe tem prestado.»

Diz apenas a verdade o jornal de que colhi as linhas que transcrevo. E' opinião de todos que este estado de cousas não póde continuar, pois chega-se á conclusão de que para se ser homem de bem n'este paiz é preciso ser malsinado por essa orda de diffamadores que avexam e conspurcam a instituição.

— O sr. governador civil do Porto acaba de propor ao governo que, visto achar-se abandonada pelos irmãos, a confraria do Senhor dos Passos, da freguezia de Nogueira, concelho da Maia, sejam entregues á respectiva junta de parochia todos os bens e valores.

— O sr. cardeal patriarcha pediu ao governo para não serem recolhidos ao Museu Nacional os quadros sagrados de reconhecido valor artistico que forem encontrados nos conventos extinctos ou que de futuro se extingam, afim de se conservarem nas egrejas e servirem para culto dos fieis.

— Deve ser assignada por estes dias a escriptura da compra da casa destinada á installação dos correios e telegraphos na cidade da Figueira. A casa é propriedade do sr. Francisco Henriques da Fonseca, na rua da Bica. A acquisição é feita pela importancia de 3:500$000 reis, podendo o governo gastar para ser apropriada para o serviço até á quantia de 2:500$000.

— O empregado de fazenda que foi a Cezimbra verificar a destruição dos documentos na occasião do tumulto popular, vae apresentar um relatorio, d'onde constará que é muito grande o valor d'esses documentos, e diz que é necessario providenciar para que certos papeis de fazenda não possam facilmente desapparecer.

— Os comboios baratos que transportam operarios das provincias para a capital e de volta da capital para as provincias serão prorogados até junho.

— Está-se constituindo uma companhia ingleza com o fim de explorar as minas d'ouro de Lourenço Marques.

— Trata-se de organisar em Milão um congresso de jornalistas hespanhoes, italianos e francezes, a fim de affirmar a união da raça latina e de fazer propaganda n'esse sentido.

— A inundação do Sena tem causado em Paris grandes damnos, tomando proporções assustadoras. Muitas obras da exposição estão paradas e outras destruidas pelas aguas. No pavilhão de Hespanha a ala direita está coberta d'agua, podendo se trabalhar apenas na ala esquerda. Os trabalhos feitos já no pavilhão de Portugal, foram destruidos completamente!

Y.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

FOZCÔA, 1 DE MARÇO DE 1889.

Alguem nos perguntou qual a rasão porque não respondiamos á letra a todas as accusações que o *Jornal de Vizeu* vomita contra os progressistas, pois que a sua reputação é tão facil e de tão pequeno alcance que qualquer creança sahida dos bancos da escola de instrucção primaria as destruiria com um simples traço de tinta, apoiada na verdade dos factos e nas regras mais preliminares e geraes da grammatica portugueza. A nossa resposta é simples e verdadeira, clara e transparente. Nunca a penna do proprietario honesto e abastado, do ministro da religião e da Igreja, do bacharel formado em direito e do empregado publico sempre recto no cumprimento de seus deveres, se deverá cruzar em luta com a do transfuga das galés, com a do scelerado, ladrão de recebedoria, dos livros da D. Anna Abrunhosa, de Muxagata e do dinheiro do Patricio, com a da familia do auctor do assassinio e roubo do hespanhol em Moncorvo, com a do negociante fallido em cortiça e auctor dos escandalos no Porto nas casas Silvano e Figueirôa, Menéres e Marques e C.ª, com a do roubo das tintas, oleos e mantas á Camara e dinheiro da sr.ª da Veiga e nem mesmo com a d'esse que embolsára alguns contos de reis ao municipio n'umas expropriações. Eis aqui a nossa resposta franca e sincera e que apresentamos aos nossos leitores para sua apreciação. Creio que ninguem duvida a quem nos referimos assim como que ninguem deixará de louvar o meu procedimento não desejando travar luta na imprensa contra uns homens que sujariam eternamente o meu nome e a minha reputação. Alem d'estes a quem me referi, frisando alguns dos actos mais vergonhosos da sua vida ha outros que pertencem tambem ao partido roedor que quasi que não sabem fallar nem fazer o seu nome. Ha outros, porém, que são *verdadeiros espiões*.

A este numero pertence o peralvilho, cujo retrato já apresentámos e o celebre medico do partido municipal, esta estupidez crassa e phenomenal, que deshonra a classe a que pertence e sobre quem prevalece com bastante vantagem e mais confiança para o publico o barbeiro Firmino. E que dizer a um Biba Margarido e a outro Biba Moutinho, a um Canalheiro estanqueiro e a um desgraçado Velhinho? São umas bestialidades que não fallam sem dizerem sandices, e que apesar de lhes brotar o fel no coração, nunca d'elle se poderão utilisar em menoscabo d'outrem porque não podem.

Quem falla tambem d'um Balhelha ou d'um Matta e d'um Peguinha? Qual dos dois auferiu maiores lucros com as congruas e principalmente com a sr.ª da Veiga? Quem como o Judas levantou e engrandeceu a sua habitação á custa do dinheiro da mesma senhora? Reservamos para mais tarde a resposta porque sobre esta materia desejamos occupar-nos mais detidamente e consagrar-lhe um artigo especial cujas settas vão ferir mortalmente o auctor de taes escandalos, que receiando que o povo de Foscôa não concorra como até aqui com as esmolas á Virgem, pensa já em organisar um basar de prendas, cujo producto reverterá em favor das suas algibeiras e da sua troupe. Perguntaram-nos tambem que papel andava representando o escripturario Reino, o amigo da Vallongueira na ausencia do Doutor. Respondemos plenamente convictos de que esse senhor é um perfeito fantoche politico, que mostrando-se muito imparcial no cumprimento de seus deveres aos progressistas, patenteia os negocios da repartição aos regeneradores e serve-lhes de espião. Frequenta com muita assiduidade a mercearia besuntada do negociante fallido e sirgueiro e lê tambem com enthusiasmo o *Jornal de Noticias*. Pensará talvez que com este viver não será transferido pela gente regeneradora. Como se engana!

Julião.

NOVAS DE LONGE

Bismarck e Guilherme II.—A *Gazeta d'Allemanha do Norte* reproduz um artigo do *Correio de Hanovre*, orgão do sr. de Bennigsen. N'esse artigo diz-se que nos ultimos tempos do reinado de Guilherme I se tinha organisado uma conspiração para provocar a queda do chanceller. O imperador Frederico, estando doente, de nada sabia; mas Guilherme II conhecia essa conspiração e estava decidido a fazel-a abortar, sendo coadjuvado por todos os soberanos allemães, que por occasião dos funeraes de Guilherme I, fizeram saber ao chanceller a perseverança da sua approvação e do seu apoio. Foi por este motivo, que o imperador actual, sendo ainda principe herdeiro, levantou, em 1 de abril de 1888, o *toaste*, tão notado então, ao chanceller, o porta-bandeira no meio da batalha, e em volta do qual era necessario que todos se agrupassem. Os discursos pronunciados pelo imperador actual, a publicação do *Tagebuch*, o processo Geffken e a questão Morier, tiveram uma correlação, que se não deve desvendar, no interesse do Estado. Quanto aos sentimentos de Guilherme II pelo chanceller, estes não têem soffrido o menor abalo e o imperador nunca se separará do seu primeiro ministro.

Os carlistas em Barcelona.—No dia 24 á noite, inaugurou-se em Barcelona o circulo tradicionalista dos amigos do sr. Llauder. A sessão começou ás nove horas da noite, estando presentes cerca de seiscentos individuos. Por baixo d'um docel via-se o retrato de D. Carlos entre um tropheu de bandeiras nacionaes. Em frente da mesa da presidencia estava collocada uma bandeira branca com flores de liz. Presidiu o sr. España, em substituição do marquez de Cerralbo, presidente honorario de todos os circulos tradicionalistas da Peninsula, tendo á sua direita os srs. Llauder, barão de Vilagaya, Vals de Barnola e Lopez Pastor, e á esquerda os srs. duque de Solferino, barão de Contoliu, Fortuny, Viada e Muntadas. Estavam representados os circulos de Manresa, Igualada, Capellades, Oviedo, Bilbao, Bañolas. Zaragoza, Vich, Gerona e outros. Estava egualmente representada a nobreza e a imprensa carlista. Leram-se poesias dedicadas a D. Carlos e a D. Margarida. O sr. Fortuny pronunciou um discurso saudando D. Carlos, que, segundo elle, representa a esperança da Hespanha tradicional. Exominou os caracteres do partido, fixando-os na fé, no principio, na perseverança como bandeira, e na eterna submissão á patria, á lealdade e ao principe. Terminou fazendo uma apologia dos dotes de D. Carlos, affirmando que este era o homem necessario para a salvação da Hespanha.

O sr. Oller pronunciou outro discurso, explicando eloquentemente as impressões adquiridas na sua recente viagem a Veneza, enaltecendo D. Carlos como catholico, como militar e como politico.

O sr. Llauder, ao usar da palavra, começou por explicar o que é e o que deseja o carlismo. Disse que o partido é, primeiro que tudo, catholico, fiel e obediente ao que a egreja ensina e ordena. Alludiu ás conversações tidas com D. Carlos, o qual assegurou que o partido era potente seguindo o Papa e os bispos. O partido quer o contrario da revolução, isto é, o triumpho da religião, fazendo por este modo reviver a fé e melhorar os costumes. Recommendou a propaganda activa, e repelliu toda a ideia de conciliação com o liberalismo.

Todos os oradores foram muito applaudidos, especialmente o sr. Llauder, que levantou um viva a D. Carlos! A parte musical foi brilhante. Os côros cantaram diversos hymnos allusivos as carlismo. Por fim, resolveu-se expedir um telegramma de adhesão ao cardeal Rampolla e ao secretario de D. Carlos.

Como veem, foi uma festa na verdadeira accepção da palavra. Houve de tudo: discursos, musica e cantoria.

Terrivel vaticinio. — Um sabio allemão affirma que toda a vida vegetal e animal perecerá no nosso planeta em 1897, em virtude d'uma grande intensidade de calor. Este phenomeno será devido a um cometa que já vizitou o nosso systema solar em 1875 e 1880, e que se aproxima cada vez mais da terra. Anima-nos apenas a esperança de que, segundo affirma o sabio, o perigo ainda está distante.

O preço d'uma infidelidade conjugal.—Os tribunaes inglezes acabam de julgar o processo de divorcio da linda actriz Maria Tempest, esposa do musico Izard, accusada de ter trahido a fidelidade conjugal em companhia do sr. John Leslie, director do *Theatro Lyrico*. O tribunal dos divorcios reparou a honra e aplacou a dôr do marido enganado, applicando-lhe uma cataplasma de cento e vinte mil francos (22:500$000 reis) paga por John Leslie, o seductor. E talvez que a victima da infidelidade conjugal se considere o mais feliz dos tres. A seducção d'uma mulher casada é considerada pelas leis inglezas como a satisfação d'uma vaidade que deve ser paga a peso de ouro. E na essencia quem sabe quanta verdade psychologica haverá n'estas leis? Quantos homens ha que procuram a mulher de um outro menos por causa d'ella que por causa d'esse outro; menos pelo prazer de possuir do que pelo triumpho caprichoso de tirar a posse? Que differença entre o amor d'uma joven, sem experiencia nem elemento de comparação e o d'uma mulher casada! Aquella dirá: *Amo-te*; a mulher casada: *Prefiro-te*; uma murmurará pudicamente: *Acceito-te*; a outra: *Escolho-te*. A primeira achará o homem bom; o amor da outra proclamal-o-ha superior. Que victoria! sr. O Leslie paga 125:000 francos, premio ganho no match do amor. O seductor não seria verdadeiramente galante se gritasse que o esfollam! Uns ratões aquelles inglezes! O adulterio com indemnisação por perdas e damnos.

A execução do assassino do major Barttelot—Eis alguns pormenores a respeito da execução do Manyema, que assassinou o major Barttelot. O assassino era um individuo chamado Sanga, um dos chefes do esquadrão da vanguarda, bastante rico e muito querido de Tippo-Tibi. Sabe-se que elle matára o major Barttelot por *galanteria*. O official inglez tendo ameaçado com uma bengala uma das mulheres de Sanga, que cantava durante a noite e cuja musica o incommodava. Sanga preso, com pleno consentimento de Tippo-Tibi, foi julgado em Stanley-Falls por um conselho de guerra, de que faziam parte os alferes Baert, Haneuse e outros officiaes belgas. Tippo Tibi e outras notabilidades arabes assistiam nos debates. Discutida a causa, os membros do conselho perguntaram a Tippo-Tibi que pena inflingiria ao culpado, se tivesse voto na materia.

A pena de morte, respondeu o chefe arabe. Virtualmente, foi pois elle que pronunciou a sentença de morte contra um dos seus subditos, o assassino d'um europeu. Este facto não tinha até hoje sem procedentes, porque, para os arabes 1 bastonada e a multa tinham sido sempre julgadas expiação sufficiente para o assassinio d'um branco. Sanga, que a principio, tinha negado o crime, confessou tudo quando, logo que acabou o julgamento, foi conduzido para defronte do pelotão que o devia fuzilar. O criminoso ria como um louco, dizendo: *matei um branco, matam-me tambem. E' justo!*

Depois, cahiu crivado de balas, mas respirando ainda. Um tiro de rewolver n'uma fonte acabou de o matar. Oito das suas mulheres tinham-no escoltado até ao logar do supplicio. Morria por causa d'uma d'ellas. Estas deviam-lhe bem aquillo.

Felizes!—Unidos na morte.—Duas das primeiras familias do mundo financeiro parisiense, Greffulhe e Coard, acabam de soffrer um duplo golpe, revestido de um caracter dramatico pouco vulgar. Madame Alberto Coard, natural de Greffulhe, com sessenta e cinco annos de edade, que ha bastante tempo soffria do figado, succumbiu em um dos ultimos dias. Seu marido, Alberto Coard, que assistiu aos derradeiros instantes da esposa, por tal forma se impressionou com o lance fatal, que o accometteu uma syncope, de que não foi possivel libertal-o, espirando no fim de alguns instantes. Alberto Coard tinha 68 annos de edade. Os dois esposos deviam celebrar dentro em pouco as suas nupcias de prata. Felizes se verdadeiramente se amaram.

Um noivo de 105 annos.—Na cidade de Lima Duarte, provincia de Minas Geraes, Brazil, existe um velho, chamado Francisco Pacheco, nascido em 1778, e que tem portanto, 111 annos. Este feliz Mathusalem nunca teve a menor enfermidade e exerce ainda a sua profissão de selleiro. Pois o nosso homem casou em 1883, pela terceira vez com uma mulher de 50 annos! Francisco Pacheco consta que fôra soldado de cavallaria em Ouro Preto, no tempo do governo portuguez, e que fallou muitas vezes com o alferes Tiradentes, fuzilado em 1792, por ter conspirado contra a auctoridade de Portugal.

Prisão do padre Stephens.—O celebre padre Stephens, cura de Falcarragh e homem muito popular na Irlanda, foi preso no dia 24 em Gwedose por haver excitado alguns lavradores a que não pagassem a importancia dos seus arrendamentos. O padre Stephens saiu da prisão ha poucos dias, depois de cumprida a pena, a que fôra condemnado por um facto analogo. Por causa d'esta prisão, o povo de Falcarragh está excitadissimo. As auctoridades tiveram que mandar o cura para a prisão de Lordonderry com uma grande escolta de policia e de tropas, a fim de evitar que os amigos do padre Stephens tentassem pol-o em liberdade.

A lança na cavallaria allemã.—Após as experiencias realisadas em diversos regimentos de cavallaria, no imperio da Allemanha, foi resolvida, a adopção geral da lança. Uma ordem do ministerio da guerra, publicada ha poucos dias, prescreve o armamento immediato com a lança a todos os regimentos de cavallaria. Ao mesmo tempo decidiu-se convocar para o proximo mez os reservistas dos regimentos de cavallaria, para serem submettidos, durante um periodo determinado aos exercicios com a nova arma.

O Schah da Persia.—Approxima-se a data da visita do Schah da Persia á Europa, e com essa visita principia o terror nas côrtes de que se propõe ser hospede o soberano asiatico. O Schah é um rei terrivel. Dizem que não espera que o convidem pá a se apresentar n'uma côrte, e dirigir-se ao palacio real com tanta franqueza como se tratasse da sua propria casa. E dos palacios reaes, onde se aloja, usa e abusa d'um modo escandaloso. Quando em 1873 partiu de Londres, foi necessario pintar, decorar e mobilar completamente de novo todos os aposentos que Nasr-ed-Din e a sua comitiva haviam occupado no palacio de Buckingham. Tudo havia ficado inutilisado. Agora, a rainha Victoria, lembrando-se do que então succedeu, propõe-se a alugar um palacio particular e cedel-o ao Schah durante a estada d'este em Londres. A côrte ingleza confia em Deus de que a demora de Schah não exceda uma semana. E' natural que as outras côrtes pensem de egual forma.

Concursos de belleza.—A mania dos concursos de belleza irrita a tal ponto Arsenio Alexandre, que este chega a preconisar um concurso de fealdade. A ideia é de um americano excentrico, e o escriptor francez desenvolve-a do seguinte modo;

Já se vê, que é necessario proscrever as disformidades que são tristes e os aleijões que são repugnantes. Sem essa exclusão, a exposição seria apenas uma grosseira infamia.

Mas admittir as mais simplesmente feias; as que não têem decididamente as feições regulares, os olhos immoveis todo o conjuncto regularmente constituido. Então, deveria ser muitissimo curioso ver isso. Stevens notou justamente que os verdadeiros artistas têem uma preferencia pelas *bellas feias*.

Mais vale, e muito, uma gentil e intelligente feia, do que a que se chama commumente uma *bella mulher*. Ha ainda uma *nuance* n'este ultimo termo. A *bella mulher* não alcançaria o premio da belleza, mas distinguir-se-hia egualmente entre as feias encantadoras.

A *bella mulher* é uma creatura respirando saude e singular contentamento. E depois, em summa, nós incommodamo-nos inutilmente. Os concursos de belleza, como os de fealdade, nada querem dizer absolutamente. A fealdade, como a belleza, é uma cousa de apreciação. E' mesmo mais: é uma cousa de pura occasião. Ha mulheres que poderiam passar por feias e que têem seus momentos de adoravel e infinita belleza. Ha outras reputadas bellas que sob o impulso da sua verdadeira natureza, dão a mais nitida visão do monstro. Eis porque é preciso encorajar a idéa d'um concurso de fealdade. Haverá curiosas observações a fazer, e talvez a barraca das feias faça grande concorrencia á sua visinha. E ver-se-ha obrigado a ir procurar a laureada do concurso de belleza, para lhe dar o premio de fealdade.

Se Arsenio Alexandre fôr casado, teremos immensa curiosidade de lhe ver a *cara metade*.

SECÇÃO LITTERARIA

A VINGANÇA DE JOAOSINHO

O gordalhudo Elesbão e sua esposa Rosalia tinha um filho, o pequeno Joãosinho, que era muito travêsso, muito.

Um dia de primavera, o pequeno sem mais formalidades, lança-se ao pescoço da D. Rosalia e segreda-lhe ao ouvido, muito baixinho:

— Mamã, diga-me uma cousa, sim?

— Então que queres tu, que eu te diga? respondeu ella, depositando-lhe um beijo na rosada face.

— O papá mostrou-me hontem uma grande caixinha de soldados de chumbo, tão lindos... aquillo é que elles são!... mas não m'os deu; disse que eram para me presentear quando fizesse annos. Quando faço eu annos? tarda muito esse dia? diga-m'o, sim?

— Annos, disse machinalmente a D. Rosalia olhando para o tecto da sala, isso só d'aqui a quatro mezes; d'aqui até lá...

Ao ouvir estas palavras, Joãosinho, lançou-se ao chão e fugiu para a cosinha chorando a bom chorar.

— Só d'aqui a quatro mezes, dizia elle lacrimosamente envolvendo a cabeça no sebento avental da velha Martha; só d'aqui a quatro mezes... sim... só então o papá me dá a caixa dos soldados... tão lindos... aquillo é que elles são!

E Joãosinho, desesperado, deitou-se no chão e foi abraçar a cabeça do «Janota», um grande cão da Terra Nova, que era o seu melhor amigo, dizendo-lhe entre lagrimas e soluços:

— Ai! «Janota,» só d'aqui a quatro mezes... ezes... ezes!

E o cão, que não percebia nada do que elle lhe dizia, começou a lamber amigavelmente a cabeça do Joãosinho.

*

E' noute.

No grande relogio da sala de jantar, batem pausadamente dez horas.

Joãosinho, a cavallo no «Janota», vem silenciosamente espreitar pelo buraco da fechadura.

— Lá estão, o papá, a mamã, o dr. Apolinario, e o padre cura... estão a jogar o «sólo»... bem... é agora mesmo.

E Joãosinho, agarrando nas grandes orelhas do cão arrastou-o para o seu quarto e fechou-o lá dentro, dizendo-lhe entre duas caricias:—D'aqui não se sai, ouviu, eu venho já.

E o «Janota», lambendo-lhe as gordas faces, soltou um latido alegre e foi deitar-se no esteirão que estava junto á cama de Joãosinho. Este, fechando a porta do quarto, sahiu, caminhando nos bicos dos pés e, depois de ter subido as escadas, dirigiu-se para o quarto do papá Elesbão, cuja porta facilmente abriu.

Entrou. O aposento achava-se immerso em profunda escuridão. Joãosinho, sempre ás apalpadellas avançou resolutamente pelo quarto dentro, e, como tinha perfeitamente gravada na memoria a disposição interior d'elle, logo deu com a meza sobre a qual estava a famosa caixa.

— E' aqui... sim, aqui, monologou elle por entre os dentes emquanto accendia um phosphoro de Barbeita que roubara á velha Martha. Ergueu o phosphoro acceso á altura do braço, e projectou para cima da meza a frouxa luz que irradiava do pedacito de madeira.

— Cá está... finalmente! exclamou o Joãosinho, lançando mão da caixa com uma antecedencia de quatro mezes!

Joãosinho apagou o phosphoro, e depois de ter dado dois ardentes beijos na caixinha, dispoz-se a sahir do quarto com as mesmas precauções com que havia entrado, e ás apalpadellas lá se foi dirigindo para a porta.

Joãosinho, que, ora estendia um braço para a frente, ora o outro, tocou subitamente n'uma massa felpuda, sedoza macia...

— Ai! gritou elle tomado do mais profundo terror e recuando espavorido; mas com o susto errou a direcção e foi cahir em cima da jarra da agua que, juntamente com elle, foi ao chão fazendo um ruido enorme.

Joãosinho declarou-se perdido; quiz fugir mas não pôde. Uma força irresistivel attrahia-o e não o deixava mover. Era o terror e a lembrança das cordas de nós, tão habilmente manejadas pelo papá Elesbão, com as quaes o tranquina tinha levado algumas vezes!

O barulho foi ouvido pela velha Martha, a qual pega n'uma candeia accesa, atira-se pelas escadas abaixo e entra no quarto.

Porem, a corrente do ar que ella occasionára ao descer as escadas apagou-lhe a candeia, mas a cosinheira que era mulher um pouco valorosa, não se importou com este contratempo e ás apalpadellas penetrou no quarto, para inquirir do que tinha succedido; mal tinha dado dois passos no interior do quarto esbarrou-se no mesmo objecto que o Joãosinho momentos antes havia tocado.

— Ai credo! berrou a velha transida de susto. Que é isto?... accudam, accudam!...

Aos gritos da cosinheira accudiram pressurosos o papá e a mamã do Joãosinho, o doutor e o padre cura, que descançadamente estavam jogando o «sólo» na sala; mas como os gritos se succedessem sem interrupção, o dr. Apolinario fez parar os seus amigos e disse-lhes:

— Pelo que vemos aquillo é lá em cima no quarto do amigo Elesbão; talvez sejam ladrões, é melhor irmos prevenidos com alguma cousa para o que dér e vier.

— Approvado, exclamaram os interpellados e de passagem entraram na cosinha onde o doutor lançou mão da vassoura de «piassava» e o Elesbão do espeto de assar a vitella; o padre cura, á falta de melhor arma empunhou a sua formidavel caixa de rapé que, pesava nada menos de meio kilo, e era feita de grossas laminas de chumbo.

Avante, exclamou o corajoso doutor.

E todos tres, seguidos da D. Rosalia que levava o castiçal acceso, subiram a quatro e quatro as escadas e entraram no quarto.

Ali, deparou-se-lhes uma scena imprevista que tinha um tanto de comico e pittoresco.

A velha Martha, em pé, com os braços estendidos olhava terrorificamente para o cão «Janota» o qual movendo alegremente a cauda, olhava ora para um lado, ora para o outro. Mais alem, o Joãosinho, deitado n'um lago d'agua tinha a cabeça escondida entre as mãos e nem o mais leve movimento fazia. Ao contemplarem esta scena os recemchegados soltaram um sonoro e estrondoso—Ah!

— Então que succedeu? perguntou curiosamente o Elesbão á cosinheira. Mas a velha não respondeu; continuava com os olhos fixos no cão como se se petrificasse subitamente.

— Que succedeu, Martha? tornou a perguntar o papá do Joãosinho, tocando no braço da cosinheira.

Esta, ao contacto, voltou-se vivamente, como se acabara de acordar d'um pesado somno e, erguendo a cabeça soltou um grito e fugiu pela porta fóra berrando sempre—O diabo! credo! credo!

O doutor ia a correr atraz d'ella, mas a D. Rosalia segurou-o pelo braço, dizendo-lhe: Deixe-a, é nervoso. Ella nos contará depois tudo o que succedeu. Vamos agora ver o que tem o pequeno.

E dirigiram-se para Joãosinho, que a mãe tomou nos braços e deitou em cima da cama.

— Joãosinho, que tens? bradou o gordalhudo Elesbão todo angustiado, emquanto o dr. Apolinario lhe tomava o pulso e o padre cura servia duas pitadas do genuino Xabregas.

O pequeno, recebendo em face a luz do castiçal, dignou-se abrir o olho direito e logo em seguida o esquerdo. Estava acordado, mas mudo como uma pedra.

— Que tens tu, Joãosinho? tornou o papá, passando-lhe carinhosamente as mãos pela cabeça.

Mas Joãosinho mudo, sempre mudo!

— O pequeno não está resolvido hoje a fallar, disse o padre cura, limpando o nariz com a costa da mão. é melhor, deital-o, e amanhã a Martha nos informará do caso.

— Está dito, redarguiu o Elesbão: e ajudado do doutor deitou o pequeno na cama; porem, ao realisarem esta operação, viu-se sahir do bolso de Joãosinho uma caixa de madeira que rolando pela cama, cahiu, espalhando o seu contheudo pelo sobrado.

— Soldados de chumbo! exclamou o dr. Apolinario.

Effectivamente, no chão viam-se espalhados os cincoentas soldados que constituiam a companhia que se «aquartelava» na caixinha de madeira.

— Já comprehendo! disse o Elesbão dando uma palmada na testa; já sei o que succedeu. O pequeno entrou aqui a tirar esta caixa e provavelmente trouxe o cão. Como andava ás escuras cahiu na jarra da agua e quebrou-a, com o barulho fez sobresaltar Martha que veio ver o que havia; esta embarrou no cão, e como vinha ás apalpadellas e é um pouco supersticiosa, pensou que era alguma cousa sobrenatural, e por isso começou de berrar por soccorro. Sim, não podia ser outra cousa e ámanhã o saberemos melhor. Agora retiremo-nos.

*

Rompe a manhã. O Joãosinho acorda e olha em torno de si; junto da cama vê o papá olhando para elle dizendo-lhe com uma voz que não era a do costume—Então o menino teve o atrevimento de ir hontem á noute ao meu quarto e tirar de lá a caixa dos soldados e quebrar a jarra da agua? Alem d'isso, ia causando a morte da cosinheira que lá se acha na cama doente, por sua causa do susto que apanhou! Então parece-lhe bem que se façam cousas d'estas?!...

Joãosinho tremia como varas verdes, e com voz debil apenas pôde pronunciar estas palavras: Perdão não torno mais.

— Não ha cá perdão, ouviu: fica sentenciado a ser fechado no quarto do cão durante tres dias a pão e agua para castigo.

E dito isto, obrigou Joãosinho a acompanhal-o ao quarto do cão «Janota», onde o fechou á chave, bem fechado, retirando-se em seguida.

Joãosinho ao ver-se tão cruelmente encarcerado não pôde conter as lagrimas que lhe corriam pelas faces como perolas finas; e entre soluços dizia sempre, sempre:—Ah! «Janota», por tua causa é que eu soffro: mas tu o pagarás.

E as lagrimas corriam-lhe continuamente pelas faces como perolas finas.

*

Decorreram os tres dias.

O Joãosinho, que durante algum tempo estivera fechado no aposento do Terra Nova, comendo pão e bebendo agua, sahiu finalmente chorando muito, muito.

Logo á sahida, saltou-lhe á frente, latindo alegremente, o «Janota»; Joãosinho chamou-o e elle sempre obediente seguiu-o ao quintal.

— Anda cá, cão do diabo, disse elle fazendo-o subir para cima das bordas do tanque, vaes pagar o que fizeste ao teu amigo... maroto... tratante!...

E o Joãosinho empurrando o cão, fel-o cahir á agua onde mergulhou fazendo grande barulho.

— Estou vingado, estou vingado! exclamou alegremente o tranquina, batendo as palmas, e fugindo para fóra do quintal.

Effectivamente, Joãosinho estava vingado!

Vizeu. *A. Campos,*

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 25

Decreto exonerando os ministros da fazenda e obras publicas, srs. Marianno de Carvalho e Emygdio Navarro; e nomeando os srs. Eduardo José Coelho, ministro das obras publicas, Ressano Garcia, ministro da marinha, e Barros Gomes, interinamente ministro da fazenda.

Varios despachos judiciaes.

Decreto e regulamento do serviço interino do respectivo ministerio.

Portaria auctorisando a Companhia real dos caminhos de ferro portuguezes a fazer uma nova emissão de 40:000 obrigações ao portador.

Diario de 26

Varios despachos ecclesiasticos.

Annuncio de estar aberto concurso documental, pelo praso de 30 dias, para o provimento das parochias de S. João Baptista, da Aldeia do Souto, no concelho da Covilhã; Algoso, no de Vimioso; S. Paio, no de Arcos de Valle de Vez; S. João Evangelista de Adães, no de Villa Verde; S. Vicente da Branca, no de Albergaria, S. Christovão, no de Coimbra; S. Vicente da Reigada, no de Almeida; e Santo Izidoro, no de Marco de Canavezes.

Decreto aprovando as instrucções para a fiscalisação das mercadorias em transito pelos caminhos de ferro.

Varios despachos do ultramar.

Apendice—Lista dos premios conferidos pelo jury da exposição de vinhos portuguezes em Berlim.

Diario de 27

Portaria declarando que os vogaes dos tribunaes administrativos podem substituir os juizes de direito nos seus impedimentos, embora aquelles sejam naturaes das respectivas comarcas.

Relação dos europeus fallecidos em Cabo Verde durante o 2.º trimestre de 1888.

CORREIO DE LISBOA

1 DE MARÇO DE 1889.

A ex.ma sr.ª D. Maria Emilia de Seabra e Castro acaba de ser elevada á dignidade de socia benemerita da Associação Academica de Lisboa. A votação foi por unanimidade. E' uma honra merecida porque na illustre dama sobresaem todas as nobilissimas qualidades que uma senhora póde possuir. O diploma, obra do distincto desenhista o sr. Julio Machado é uma obra prima de elegancia e de superior bom gosto. Sobre o pedestal assenta a figura da sciencia com uma esphera e um livro, olhando para um gracioso cherubim: em baixo um grupo allusivo; ao centro uma cercadura abraçando o texto e titulo honorifico:—uma maravilha artistica, emfim.

— Tomou ante-hontem posse do logar de 2.º official dos proprios nacionaes o intelligente e integerrimo cavalheiro que por alguns annos foi administrador do concelho d'Ovar. O sr. Augusto Corrêa da Silva Mello é um funccionario que honrou a magistratura administrativa e que ha de honrar a alta burocracia, pois que ha de chegar, dentro de pouco, aos seus mais altos graus. Prevejo-o e quasi que lh'o affirmo, porque são para muito as suas faculdades e os seus meritos.

— O sr. Marianno de Carvalho vae a Paris, e teria partido já se uma subita indisposição de sua esposa o não obrigasse a ficar. Tenciona, porém, partir até 15 do corrente. Como tambem já lhes disse, os negocios publicos não são estranhos a esta viagem. O sr. Marianno de Carvalho tratará em Paris de assumptos concernentes ao credito, em ordem a não ser alterada a alta dos nossos fundos. O pretexto apparente da viagem é de caracter completamente particular. Vae alugar casa para passar a temporada da exposição. Em 5 de abril o sr. Marianno de Carvalho haverá regressado a Lisboa, para tomar o logar entre a maioria da camara dos deputados, da qual ficará sendo o *leader* permanente. O ex-ministro da fazenda não ha-de ser dos *leaders* que entravam de semana, como engraçadamente classificava a opposição os raros oradores que ultimamente defendiam o governo. D'este modo, a maioria, até agora tão fraca e vacillante, reforçada com a palavra dos srs. Emygdio Navarro e Marianno de Carvalho, e dirigida pela pratica parlamentar d'este ultimo deputado, ficará, segundo presume o governo, em estado de resistir briosa e efficazmente aos ataques da opposição, que hão-de ser, por certo, vigorosos, mas que, a meu ver, não hão-de assumir, d'esta vez, as proporções a que chegaram nos ultimos dias das sessões d'este anno. Se as cousas succederem como indico, e como decerto succederão, o sr. Marianno de Carvalho apoiará com toda a força da sua intelligencia e da sua individualidade o governo, coadjuval-o-ha, *de dentro ou de fóra*, na eleição geral, o que será de uma grande importancia, favoravel para uns e desfavoravel para outros, porque o governo não poderá mais transigir com os inimigos da ordem e das instituições, consentindo que elles voltem ao parlamento.

— Renovaram-se as conferencias do sr. Manuel Pestana com os srs. presidente do conselho e ministro das obras publicas ácerca das modificações a introduzir no contracto de 5 de dezembro sobre a Companhia Vinicola. A que hontem se effectuou foi demorada, mas não definitiva. Na conferencia que terá logar n'um dos proximos dias crê-se que tudo ficará resolvido e a aprazimento geral.

— Suas altezas os srs. duques de Bragança e a princeza D. Helena devem chegar ámanhã a Lisboa, onde veem passar o carnaval. Consta que suas altezas tomarão parte na batalha das flôres, que, na proxima segunda-feira, se ha de realisar na Avenida. Em seguida ao carnaval os principes partirão para Sevilha, onde vão acompanhar a princeza D. Helena.

— E' grande a animação que reina entre a nossa sociedade elegante para a proxima batalha das flores. E' já grande o numero de concorrentes ao *certamen*. Sabe-se d'um carro que se apresentará todo arranjado á hespanhola, levando oito formosissimas senhoras trajando egualmente á hespanhola. Em batedores e á estribeira irão 6 dos nossos elegantes trajando do mesmo modo.

— N'estes ultimos dias os abuzos carnavalescos teem aqui tomado proporções que não acreditam uma cidade civilisada. Em vista d'isso a auctoridade superior do districto acaba de publicar um edital que diz o seguinte:

I—E' prohibido atirar das ruas ou das janellas, quaesquer coisas que possam incommodar ou molestar as pessoas, ou deteriorar a propriedade.

II—São prohibidas as mascaras e trajes offensivos da moral, religião e bons costumes; e bem assim as danças, musicas e procissões carnavalescas, cujos directores não tenham obtido a competente licença.

III—Os que contrariarem estas disposições serão presos e remettidos ao poder judicial. E não podendo ser presos em flagrante serão autoados e processados.

Cuidado pois, porque, além d'isto, não se affiançará preso algum nos dias de carnaval. E' positivo e é justo.

— Como é sabido o sr. marquez de Rio Maior deixou de ser provedor da Misericordia de Lisboa. Quando s. ex.ª entrou na gerencia d'aquella casa devia ella cerca de 100:000$000 reis. Quando sahiu deixou 2.695:000$000 em inscripções, e outros papeis de credito na caixa geral dos depositos, dinheiro á ordem 195:000$000 e dinheiro no cofre da casa 16:000$000. E' que o illustre titular é um fidalgo reaccionario, e os *reaccionarios* governam d'este modo.

— Foram pronunciados na comarca de Almada, sem fiança, os presos que foram de Cezimbra. Só um foi posto em liberdade. Parece que a justiça procura mais alguns individuos implicados nos desagradaveis successos que ali tiveram logar.

— Declarou-se aos presidentes das relações, em portaria de data proxima, que os vogaes dos tribunaes administrativos podem substituir os juizes de direito, nos seus impedimentos, embora aquelles sejam naturaes das respectivas comarcas. Nem a lei se podia entender d'outro modo, pois que nas comarcas que não são séde de districto os substitutos são quasi sempre e com rarissimas excepções naturaes d'ellas.

— A camara municipal de Terras de Bouro entrou em negociações com o governo para effectuar a arborisação da serra do Gerez. Predominou em fim n'aquella corporação administrativa o conselho da prudencia d'onde dimana a consciencia dos proprios interesses.

— O sr. ministro das obras publicas encarregou a direcção geral d'agricultura de lhe fazer um relatorio sobre todos os assumptos referentes ás companhias vinicolas que se tenham corrido por aquelle ministerio, assim como de lhe colligir todos os documentos, portarias e decretos que existam referentes a este caso, a fim de ser resolvida sem demora tão importante questão.

— Por se ter feito com grande atrazo a conducção das malas do correio entre Estarreja e Vizeu, em consequencia do mau estado em que se acha a estrada que serve aquellas povoações, mórmente nos dias chuvosos, foram pedidas ao governo, pela direcção geral dos correios, as urgentes reparações de que ella carece.

— Parece que sempre vamos ter o grande viaducto de S. Pedro de Alcantara á Graça, para a construcção e exploração do qual está aberto concurso, na camara municipal, por espaço de seis mezes, a começar em 1 de março. O viaducto terá 1:510 metros de comprimento por 17 de largura, e a sua concessão far-se-ha por espaço de tempo não superior a 90 annos. E' tambem uma obra gigantesca.

— No mundo catholico acaba de dar-se um facto importante. O correspondente romano do *Figaro* affirma que a rainha Victoria se converteu ao catholicismo, e que este é o motivo por que se retira de Inglaterra durante as festas da Paschoa. O mesmo correspondente falla na conversão possivel da imperatriz Victoria, viuva do imperador Frederico. A darem-se estas conversões o mundo catholico registrará mais um grande successo.

— Ha dias entrou no Tejo o *yacht Garonne*, que alguinas familias inglezas fretaram para viagem de recreio. Entre os passageiros veio o sr. John Brickwood, com sua esposa, Elise Brickwood, que começou a sentir-se doente durante a viagem. Chegados a Lisboa desembarcaram e hospedaram-se no Hotel Bragança, e como a doente se sentisse peior, o sr. John Brickwood mandou chamar o dr. May Figueira, que declarou que aquella senhora tinha no ultimo grau diabetes, o que o surprehendeu, porque os medicos inglezes nunca haviam denunciado tal molestia. A doente foi a peior e ante-hontem falleceu, verificando o obito o sr. dr. Avellar, que confirmou o diagnostico do seu collega. Lady Brickwood era formosissima. Tinha os seus trinta annos, mas apparentava apenas vinte. O cadaver esteve hontem na casa dos depositos da igreja dos Martyres, assistindo sir Brickwood a todo o ceremonial do encerramento do corpo de sua esposa na urna de cedro em que ella ha-de ser transportada para Inglaterra. Foi uma scena dolorosa. Emquanto o caixão esteve aberto, sir Brickwood conservou-se de pe, braços cruzados, levando de vez em quando um lenço aos olhos, que se nu blavam de lagrimas. Depois, quando appareceram os homens para soldar o feretro, sir Brickwood correu para o corpo inanimado da esposa e cobriu-lhe o rosto de beijos, enxugando as lagrimas que deixava cahir e fallando-lhe baixinho, como se lhe murmurasse ao ouvido a derradeira confidencia do seu amor. Vir a Portugal fôra sempre um dos mais vivos desejos de lady Brickwood que lêra Byron e entrevira o paraizo de Cintra. Infeliz desejo que não pôde realisar.

— O sr. Emilio Boussard, engenheiro francez, apresentou hontem á camara municipal uma proposta para a construcção de uma grande passagem subterranea, ligando o Rocio com o largo do Corpo Santo. A passagem terá principio no extremo meridional da rua do Principe, atravessando em linha recta a montanha em que assenta o quartel do Carmo, até desembocar em Corpo Santo. Nas extremidades construir-se-hão dois grandes porticos de decoração luxuosa. O engenheiro francez não quer subvenção, pedindo apenas a exploração da obra. A passagem será illuminada a luz electrica e gaz de dia e de noute, e terá de largura 10 metros. Compromette-se a transferir gratuitamente para o municipio a propriedade da obra passados 40 annos. A obra ficará concluida n'um anno. Os preços das passagens serão de 20 réis para peões e cavalleiros, e de 40 réis para carruagens.

— Falleceu aqui com 75 annos de idade, o sr. Manuel Joaquim de Mascarenhas, natural de Oliveira do Crayo, escrivão aposentado do 2.º bairro, onde servira effectivamente desde 1828 até 1887, anno em que o aposentaram. Foi sempre empregado exemplar.

— O sr. Adolpho Loureiro, chefe da 3.ª circumscripção hydraulica e Guedes Quinhones, regressaram de Peniche onde foram ver as obras a fazer no Portinho de Rebez por onde entram e sahem todas as embarcações de pesca, assim como as reparações a executar no caes de embarque e desembarque. Este melhoramento que ali vae ser executado é devido ás instrucções e instancias do deputado do circulo, o sr. capitão Machado.

— A companhia dos Americanos está assentando na rua do Ouro um novo systema de carris, por onde só poderão andar os seus carros. Vão tambem reformar toda a via.

— Tem passado bastante incommodada a sr.ª D. Maria Thereza d'Almeida e Brito, virtuosa esposa do nosso distincto amigo sr. F. d'Almeida e Brito. Desejamos sinceramente as melhoras de tão sympathica senhora.

— Os illustres commissionados do Celeste Imperio, que ha pouco ainda eram nossos hospedes e agora estão estudando a civilisação da França, mandaram pedir ao governo portuguez os orçamentos do estado e o mappa chorographico do paiz.

— Receberam-se ante-hontem noticias da India, que alcançam até 6 de fevereiro: Tinha melhorado o estado sanitario com respeito ás doenças reinantes da estação. Cuidava-se na propagação da vaccina, e adoptavam-se outras providencias tendentes a evitar o desenvolvimento da variola, que tem apparecido nos concelhos de Salsete e Bardez, em numero limitado de atacados.

— A intensidade da febre amarella na cidade do Rio de Janeiro é tal que por ordem superior foram fechadas as aulas dos cursos dos lyceus. E ainda para ali emigram muitos compatriotas nossos! E' o desatino e a loucura no seu auge.

Y.

A' ultima hora.—O sr. Marianno de Carvalho sae ámanhã para Paris, onde apenas se demora 8 dias.

— O sr. Emygdio Navarro continua a receber de toda a parte declarações de sentimento pela sua sahida do poder.

— O sr. Marianno Presado está nomeado agente financial de Portugal no Rio de Janeiro e parte para ali muito breve.

Y.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

CASA PARA ALUGAR

ALUGA-SE a casa onde esteve a Secretaria da Reserva, na rua de S. Gonçalinho. Trata-se na Redacção d'este jornal.

REGIMENTO DE CAVALLARIA N.º 10

O conselho administrativo do referido regimento faz publico, que no dia 11 de março e pelas 11 horas da manhã, procederá á venda em hasta publica de 14 cavallos, na parada do quartel.

Quartel em Aveiro, 27 de fevereiro de 1889.

O secretario do conselho
Fortunato Antonio Mendes d'Almeida,
Tenente.

VENDA

VENDE-SE uma casa nova, com commodidades para uma numerosa familia, com quintal, situada na Gafanha, proximo á ria, á beira da estrada que vae de Aveiro á Barra.

Para tratar falle-se com o seu dono o Padre João Manuel da Rocha Senos.

Ilhavo, 12 de fevereiro de 1889.

DOENÇAS SECRETAS
CAPSULAS RAQUIN
APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS
ESTAS CAPSULAS CURAM SEM EXCEPÇÃO OS FLUXOS AGUDOS OU CHRONICOS. 100 CURAS EM 100 DOENTES
Tratados pela Academia.
COMPLEMENTO do tratamento pela
INJECÇÃO RAQUIN
MUITO UTIL TAMBEM COMO PRESERVATIVO
Exija-se a Assignatura RAQUIN e o Sello official do Governo Francez.
FUMOUZE-ALBESPEYRES. 78, Faub.g St Denis, PARIS
E TODAS AS PHARMACIAS.

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA
Rua Nova de S. Domingos 97
PORTO

TEM grande deposito d'este genero já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

Largo da Cadeia

AOS AMADORES
DAS
MANUFACTURAS NACIONAES

OS proprietarios da **Fabrica de Fundição do Ouro**, na cidade do Porto, convidam a todos os amadores das construcções mechanicas nacionaes, a visitarem o seu estabelecimento, em qualquer dia e hora, para examinarem a construcção d'uma machina de vapor de baixa pressão e respectiva caldeira, da força nominal de 120 cavallos, ou 60 cavallos uteis, encommendada para funccionar em Villa Nova de Gaya.

Porto, 25 de fevereiro de 1889.

L. F. de Souza Cruz & Filhos.

As pessoas que conhecem as PILULAS DO DOUTOR DEHAUT DE PARIS não hesitam em purgar-se quando precisão. Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais lhe convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.
5 fr. e 2 fr. 50

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequeninos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

FERRO DE QUEVENNE

E o ferro no estado **puro** e, desde 30 annos, reconhecido pelos Medicos do Mundo inteiro, o mais poderoso dos ferruginosos para curar: **ANEMIA, POBREZA do SANGUE, PERDAS BRANCAS, DORES de ESTOMAGO**, etc... Eis porque é uma das raras preparações approvadas pela
ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS.
DESCONFIE-SE
das IMITAÇÕES e FALSIFICAÇÕES impuras, inactivas, desleaes, vendidas barato.
EXIGIR, ALEM DA ASSIGNATURA DE *Quevenne*, O SELLO DA "*Union des Fabricants.*"
Vende-se: 1º em *Pós*; 2º em *Grageas*.
Deposito Geral do Verdadeiro FERRO de QUEVENNE
(transferido desde o dia 2 de fevereiro de 1888): 8, Rue du Conservatoire, PARIS.

NÃO HA MAIS DÔRES DE DENTES!
Por meio do emprego dos
Elixir, Pó e Pasta dentifricios
DOS
RR. PP. BENEDICTINOS
da ABBADIA de SOULAC (Gironde)
DOM MAGUELONNE, Prior
2 Medalhas de Ouro: Bruxellas 1880 — Londres 1884
AS MAIS ELEVADAS RECOMPENSAS
INVENTADO NO ANNO 1373 Pelo Prior Pierre BOURSAUD

«O uso quotidiano do **Elixir Dentifricio** dos **RR. PP. Benedictinos**, com dose de algumas gottas com agua, previne a cura a carie dos dentes, embranqueceos, fortalecendo e tornando as gengivas perfeitamente sadias.
«Prestamos um verdadeiro serviço, assignalando aos nossos leitores este antigo e utilissimo preparado, o **melhor curativo** e o **unico preservativo** contra as **Affecções dentarias.**»
Casa fundada em 1807 — Agente Geral: SEQUIN 166 et 168, rue Croix-de-Seguey BORDEOS
Deposito em todas as boas Perfumarias, Pharmacias e Droguerias.
Em *Lisboa*, em casa de R. Bergeyre, rua do Ouro, 160, 1º.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de José Estevão-79
AVEIRO

A PRESTAÇÕES
DE
500 RÉIS SEMANAES
A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje. Não tem rival.
E' a rainha das machinas.
As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

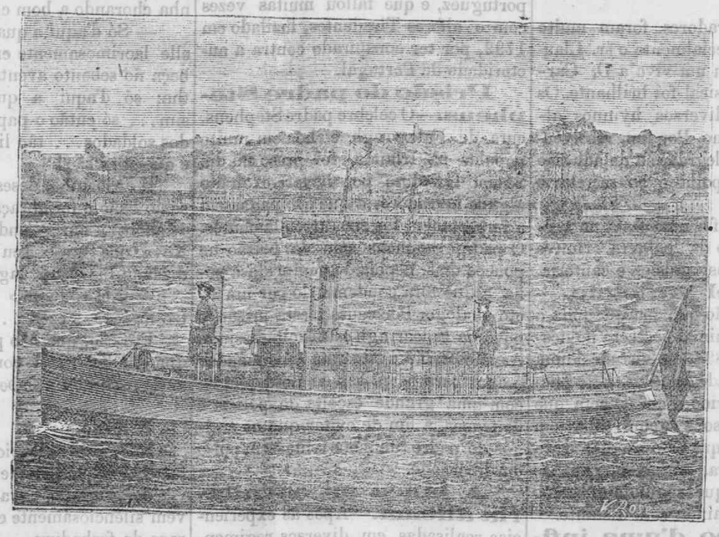
GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER
75-Rua de José Estevão-79
AVEIRO

PAPIER WLINSI Remedio soberano paraa cura rapida d affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc. 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.
Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Seine, 31.

SILVESTRES
VERSOS DE VIDAL OUDINOT
Está aberta a assignatura n'esta Redacção.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA
NUMERO TELEPHONICO 168
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS
CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO
CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS
CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO
CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metallicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar ou estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machas a vapor e suas calderas, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos moveis a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 o 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e egualmente tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

DIRECÇÃO
DAS
OBRAS PUBLICAS DE AVEIRO
ESTRADA DISTRICTAL N.º 31-A
Ramal dos palheiros do Mar á Torreira
ARREMATAÇÃO

FAZ-SE publico que no dia 21 do corrente mez de março, pelas 11 horas da manhã, na administração do concelho de Estarreja e perante o respectivo administrador, serão recebidas propostas em carta fechada para a construcção das seguintes obras:

1.º *Terraplenagens:*—Entre perfis 1 e 23.
2.º *Pavimento:*—Torrão, regularisação, calçada em bermas e valletas.
3.º *Obras accessorias:*—Terraplenagens, calçada, taludes semeados, taludes revestidos de empedrado argamassado.

Base de licitação..... 1:425$000 reis
Deposito provisorio... 35$625 reis

Para ser admittido a licitar, cada concorrente deverá apresentar em carta fechada os seguintes documentos:

1.º Documento pelo qual mostre que effectuou, na pagadoria d'esta Direcção, o deposito provisorio designado n'este annuncio.
2.º Declaração escripta, obrigando-se a fazer o deposito de 5 por cento sobre o valor da adjudicação.
3.º Documento de competencia para a execução do trabalho.
4.º Proposta do preço, fechada em subscripto separado, formulada segundo o modelo exarado nas condições da arrematação.

Os desenhos, medição e condições especiaes da arrematação estão patentes, na secretaria da Direcção em Aveiro, todos os dias não santificados desde as 9 horas da manhã ás 3 da tarde. As guias para effectuar os depositos provisorios só serão passadas até ao dia 20, inclusive.

Aveiro, 1 de março de 1889.

O Chefe interino da 3.ª secção,
José da Maia Romão.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosae, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aondé é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vilho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachinhas é um excellente *lunche* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluindo elle, toma-se igual porção de *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Para avitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

GARGANTA
VOZ e BOCCA
PASTILHAS DE DETHAN
Recommendadas contra as Doenças da Garganta, Extincções da Voz, Inflammações da Bocca, Effeitos perniciosos de Mercurio, Irritação causada pelo fumo, e particularmente aos Srs. PREGADORES, PROFESSORES, e CANTORES, para lhes facilitar a emissão da voz.
PREÇO: 600 REIS.
Exigir em o rotulo a firma
Adh. DETHAN, Phien em PARIS.

LIVRARIA
DE
MELLO GUIMARÃES
AVEIRO

JULIO CESAR MACHADO
Mil e uma historias..... 700
MARIA A. VAZ DE CARVALHO
Alguns homens do meu tempo..... 700
FERNANDES COSTA
O livro das soledades—Echos da Andaluzia..... 600
EDUARDO COELHO JUNIOR
Retalhinhos—Contos Originaes..... 500
Regulamento da contribuição industrial approvado por decreto de 27 de dezembro de 1888..... 100
Almanach Illustrado do Occidente para 1889..... 200
Dito Illustrado por F. Pastor.. 200
Novo Almanach de Lembranças, Luso Brasileiro, para o anno de 1889:
Cartonado..... 320
Brochado..... 240
Codigo Commercial, approvado por carta de lei de 28 de junho de 1888 e seu reportorio alphabetico, encadernado..... 360
Brochado..... 240
GUIOMAR TORRESÃO
Almanach das Senhoras, para 1889.. 240
ALBERTO PIMENTEL
Atravoz do passado..... 500
EÇA DE QUEIROZ
Os Maias, episodios da vida romantica. 2 grossos volumes..... 2$500

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cruz
AVEIRO